



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO**

**ANA GEISA BARBOSA VIANA**

**AFETO, LEMBRANÇAS E SOM:  
Uma construção da memória dos programas de auditório do rádio Campinense**

**CAMPINA GRANDE, PB  
2021**

ANA GEISA BARBOSA VIANA

**AFETO, LEMBRANÇAS E SOM:  
Uma construção da memória dos programas de auditório do rádio Campinense**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade monografia, apresentado ao Departamento de Comunicação Social, curso de Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

**Área de concentração:** Radiojornalismo.

**Orientadora:** Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima.

**CAMPINA GRANDE, PB  
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

V614a Viana, Ana Geisa Barbosa.

Afeto, lembranças e som [manuscrito] : uma construção da memória dos programas de auditório do rádio Campinense / Ana Geisa Barbosa Viana. - 2021.

51 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Verônica Almeida Oliveira Lima, Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA."

1. Rádio. 2. Memória. 3. Rádio Borborema. I. Título

21. ed. CDD 302.234 4

ANA GEISA BARBOSA VIANA

**AFETO, LEMBRANÇAS E SOM:**

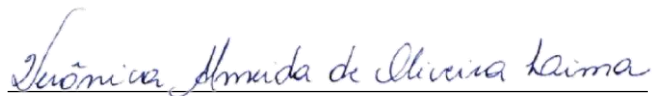
Uma construção da memória dos programas de auditório do rádio  
campinense

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade monografia, apresentado ao Departamento de Comunicação Social, curso de Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

**Área de concentração:** Radiojornalismo.

Aprovada em: 20 / 05 / 2021.

**BANCA EXAMINADORA**



Profa. Dra. Verônica Almeida Oliveira Lima  
(Orientadora) Universidade Estadual da Paraíba  
(UEPB)



Prof. Dr. Leonardo da Silva Alves  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Goretti Maria Sampaio de Freitas  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha avó Bibi por sonhar comigo e me mostrar que tudo é possível,

DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Uma vez escutei em algum vídeo que, “se Deus te deu um sonho, um projeto, um plano é porque você é capaz de conquistá-lo”. Bem, desde pequena sempre almejei ter um diploma, fazer uma faculdade, afinal era tão bonito ver minha tia Cláudia estudando. Porém Deus em sua onipotência e onisciência preparou algo a mais, pois cá estou eu concluindo não apenas uma graduação, mas sim, estou me formando no que eu amo fazer, na área pela qual me apaixonei desde a primeira reportagem que escrevi e percebi o poder que Deus tinha me dado de comunicar, representar e fazer minha gente ser ouvida. Então, apesar de tantas batalhas enfrentadas no meio do caminho que me deram muitas incertezas, sempre foi um sonho preparado por Deus para minha vida. Por isso rendo graças e louvores por chegar até aqui mais forte em minha fé e certa do Pai Celestial e da Mãe Intercessora que cuidam de mim.

Não concluo essa graduação sozinha, contudo mais do que meu, esse curso é conquista dos meus pais, Silvia e José Carlos. Agradeço a eles que me sustentaram mesmo quando tudo parecia sem sentido, por me apoiarem e lutarem, seja com meu pai dormindo diariamente no chão como vigilante de uma escola e ainda cuidando de gado no Cariri ou seja pela minha mãe limpando e cozinhando para dezenas de crianças. Indubitavelmente, eles são minhas inspirações e motivação para continuar a seguir fazendo o meu melhor e buscando conquistar os meus objetivos.

Uma das primeiras lembranças que tenho da minha infância é falando que seria professora, porque minha vó Bibi era e ela me dizendo que eu deveria escolher qualquer outra profissão menos professora, pois a vida é dura para qualquer profissional da educação. Por isso agradeço a essa rainha chamada Maria de Lourdes que sempre esteve presente e sonhando comigo, sem medir esforços e carinho para sempre me fazer a princesa do seu coração.

Ser irmã mais velha poderia ser considerada uma profissão. Cuidar, ensinar, puxar orelha, brincar e ser exemplo bom para o caçula requer boa parte do tempo e do estado emocional, mas sem sombra de dúvidas, é a segurança de não estar sozinha no mundo, mesmo diante das nossas múltiplas caras e bocas. Por isso, agradeço ao meu irmão, Mateus, que mesmo não entendendo muitas coisas do que passei, sentiu até mais do que eu e nunca desistiu de mim, me amou, me abraçou, me fez rir em horas inusitadas e me ajudou imensuravelmente a continuar de pé.

Desde cedo aprendi que ser independente não é estar totalmente só, por isso agradeço a todos os meus familiares, em especial Tia Cláudia, João Carlos, Tio Flávio e Flávia e Ericarla, por eu sempre ter com quem contar mesmo na ausência e me mostrarem que eu sou capaz de batalhar, correr e conquistar todos os meus objetivos.

Ao longo do caminho pude criar amizades fortes e voláteis, que me influenciaram na forma de ver o mundo. Ariano Suassuna certa vez disse, “Que eu não perca a vontade de ter grandes amigos, mesmo sabendo que, com as voltas do mundo, eles acabam indo embora de nossas vidas.” Com isso, agradeço a todos os meus grandes amigos que convivi durante o ensino médio e a universidade que torcem por minhas vitórias, se alegram pelas minhas conquistas e me dão forças mesmo distantes, em especial Viviane Soares, Lucas Alves, Bruna Martins, Larissa Menezes, Andreza Valdevino, Geysiane Sampaio e Mateus Araújo, por serem pontos de força e luz na minha vida, sem vocês meu caminho seria muito mais pesado.

Sempre me disseram que professores de universidades são terríveis e cruéis, mas não tive essa experiência medonha como me alertaram. Pelo contrário, conheci no curso de Jornalismo, professores humanos e sensíveis que me ensinaram muito além do que capturar uma história para uma pauta, mas também por ensinarem a enxergar o mundo com mais empatia e curiosidade. Então, agradeço a todos os docentes do curso de Jornalismo, em especial: Rostand Melo, Luiz Custódio, Adriana Alves e Socorro Palitó, pelas oportunidades de colaborar e viver experiências com o jornalismo e suas facetas.

Dentre tantos achados de excelentes profissionais, agradeço a minha orientadora, Verônica Oliveira, por ter me adotado junto ao meu trabalho. Uma pesquisa que foi inicialmente conduzida pela professora Goretti Sampaio, com muitos pontos já estabelecidos e fora da sua área preferível de pesquisa, mesmo assim, Verônica nos acolheu de maneira comprometida, sensível e responsável, sendo antes de uma orientadora, uma verdadeira mãezona carinhosa e compreensível para comigo e minha pesquisa.

Agradeço a professora Goretti Sampaio por tantas oportunidades, por me inspirar a amar mídias sonoras e por toda confiança que teve em mim, seja quando iniciamos esse trabalho ou enquanto aluna líder do projeto Gente Nossa, que foi uma verdadeira escola de aprendizagem sobre cultura, rádio e jornalismo.

Agradeço a todos que aqui me ensinaram um pouco do dia a dia na imprensa seja na produção de rádio ou na TV, em especial à Márcio Furtado e Sócrates Gonçalves, que enxergaram em competências e talentos que nem eu mesma acredita, e com a convivência se tornaram além de chefes, grandes colegas de profissão.

Registro também o meu muito obrigada, às minhas fontes de pesquisa que me ajudaram a construir esse trabalho com suas memórias afetuosas de outrora. Para eles dedico de forma singela a epígrafe do trabalho.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a toda equipe de funcionários da UEPB, em especial aos técnicos do departamento de comunicação por sempre estarem dispostos em ajudar nas nossas atividades e aguentarem nossos pedidos.



“Pouco importa que venha a velhice, que é a velhice?  
Teus ombros suportam o mundo  
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.  
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios  
provam apenas que a vida prossegue  
e nem todos se libertaram ainda.  
Alguns, achando bárbaro o espetáculo  
prefeririam (os delicados) morrer.  
Chegou um tempo em que não adianta morrer.  
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.  
A vida apenas, sem mistificação.”

(Trecho do Poema “*Os Ombros Suportam o Mundo*” de *Carlos Drummond de Andrade*)

## RESUMO

Esta monografia apresenta relatos e memórias dos programas de auditório do rádio na cidade de Campina Grande - PB, entre as décadas de 1940 à 1960. Busca recuperar aspectos históricos de uma época áurea do rádio, em que os programas de auditório se constituíam como espaços de entretenimento para a sociedade local e, por isso, tiveram um importante papel no desenvolvimento sociocultural do município. Como aporte teórico levantou-se pesquisas de autores como Maior (2015), Freitas (2006), Tinhorão (1981), Calabre (2013). A partir da literatura sobre a história do rádio e metodologia da História Oral, foi possível realizar entrevistas para a coleta de relatos, informações e documentos sobre aqueles que estrelaram na radiofonia campinense, considerando as singularidades que marcaram a atuação dos profissionais no período, dentro de uma conjuntura histórica e social da época. O trabalho aqui apresentado resulta, portanto, na construção de memória feita a partir de relatos e arquivos documentais daqueles que testemunharam uma época áurea do rádio, e que até hoje influenciam na maneira de produzir entretenimento. Por fim, este trabalho contribui para legitimação e perpetuação da história dos programas de auditório para as gerações futuras.

**Palavras-chave:** Rádio. Programas de auditório. Memória. Rádio Borborema. Campina Grande.

## **ABSTRACT**

This monograph presents reports and memories of the radio auditorium programs in the city of Campina Grande - PB, between the 1940s and the 1960s. It seeks to recover historical aspects of a golden era of radio, in which the auditorium programs were constituted as spaces of entertainment for the local society, and for this reason, they had an important role in the socio-cultural development of the municipality. As a theoretical contribution, studies by authors such as Maior (2015), Freitas (2006), Tinhorão (1981), Calabre (2013) were studied. From the literature on the history of Radio and the methodology of Oral History, it was possible to conduct interviews to collect reports, information and documents about those who starred in radio broadcasting in Campinas, considering the singularities that marked the performance of professionals in the period, within a historical and social conjuncture of the time. The work presented here results, therefore, in the construction of memory made from the memories and documentary archives of those who witnessed a golden age of radio, and who today still influence the way of producing entertainment. So, this work contributes to legitimize and perpetuate the history of auditorium programs for future generations.

**Keywords:** Radio. Auditorium programs. Memory. Radio Borborema. Campina Grande.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Primeira página do Script da Escola do Professor Nicolar (Arquivo Pessoal de Eraldo César) ..... 36
- Figura 2:** O Clube do Papai Noel recebe atores da novela Amor Cigano (Arquivo Pessoal de Eraldo Cesar) ..... 37
- Figura 3:** Auditório da Borborema Lotado (arquivo pessoal de Eraldo César) ..... 38
- Figura 4:** Rosil Cavalcante interpretando Capitão Lagoa (Arquivo pessoal de Gilson Souto Maior) ..... 40
- Figura 5:** Luiz Gonzaga e Marinês se apresentam no Auditório da Rádio Borborema (Arquivo pessoal de Gilson Souto Maior) ..... 41
- Figura 6:** Genival Lacerda e Jackson do Pandeiro nos estúdios da Rádio Borborema (Arquivo Pessoal de Gilson Souto Maior) ..... 41

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	<b>HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL: Um meio para elevar a cultura brasileira.....</b>	17
2.1	<b>História da Radiofonia Nacional.....</b>	17
2.2	<b>Programas de Auditório: <i>Da festa popular para os estúdios de rádio.....</i></b>	20
2.2.1	<i>Origem e influências.....</i>	20
2.3	<b>Programas de auditório de Destaque Nacional.....</b>	24
3	<b>HISTÓRIA DO RÁDIO CAMPINENSE.....</b>	26
3.1	<b>A Voz de Campina Grande e Rádio Cariri: <i>o início da radiofonia campinense.....</i></b>	26
3.2	<b>Rádio Borborema: <i>“Está com você não importa onde você esteja”.....</i></b>	27
3.2.1	<i>Palcos e protagonistas dos programas de Auditório da rádio Borborema..</i>	29
3.3	<b>Rádio Caturité: <i>“Comunicação para o Desenvolvimento”.....</i></b>	30
4	<b>MÉTODOS E ARQUIVOS: <i>“Memórias e histórias de outrora”.....</i></b>	32
4.1	<b>Alicerce da construção de memória dos programas de auditório de Campina Grande.....</b>	32
4.2	<b>Palcos e protagonistas dos programas de Auditório do Rádio Campinense.....</b>	34
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	43
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	46
	<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS PESQUISADORES DA RADIOFONIA CAMPINENSE.....</b>	49
	<b>APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS RADIALISTAS DOS PROGRAMAS DE AUDITÓRIO CAMPINENSES.....</b>	50
	<b>APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS OUVINTES/ESPECTADORES DOS PROGRAMAS DE AUDITÓRIO CAMPINENSES.....</b>	51

## 1. INTRODUÇÃO

---

Desde o ano de 1919 até o início da década de 1970, o rádio se fez fortemente presente na vida de muitos brasileiros, tornando-se o principal meio de comunicação que influenciava a sociedade através de programações diversificadas, dispendo de entretenimento, programas educativos e informativos. De forma singular, o rádio envolveu a população brasileira com proximidade e empatia, despertada pelos estilos de programas que se diferenciavam através de radionovelas, programas de auditório, musicais, jornais e programas de esporte.

Foi durante as décadas de 1940, 1950 e 1960 que o rádio alcançou seu apogeu, sua “Era de Ouro”, que marcou/marca os meios de comunicação até hoje, por meio, principalmente, dos seus programas de auditório. Esses programas transformavam os espaços das emissoras em palcos de grandes espetáculos, proporcionando ao ouvinte uma emoção para além das ondas hertzianas. Segundo Pessoa e Vianna (2013) os ouvintes se tornavam também espectadores durante as apresentações, fazendo com que tais programas significassem para a população, um espetáculo audiovisual que acontecia e em um evento social que repercutia nos jornais e revistas.

Campina Grande (PB) seguiu as tendências do rádio nacional, também foi palco para muitas produções radiofônicas desse estilo, através de suas emissoras AM, especialmente a Rádio Borborema, que abriu espaço para grandes nomes da música nacional e internacional, além de produções humorísticas nacionais, fato que marcou época de forma afetuosa na memória daqueles que viveram os programas de auditório na cidade. Nesta perspectiva, este trabalho tem o objetivo de recuperar, por meio da história oral, os programas de auditório em Campina Grande, realizando um registro da memória daqueles que vivenciaram a época, ressaltando a importância que esses programas tiveram para a população e radiofonia campinense.

Em virtude da importância dos programas de auditório para a população nacional e especificamente em Campina Grande, cidade que ficou em evidência para o Brasil por conta da qualidade e credibilidade da Rádio Borborema. Percebeu-se que não há de trabalhos minuciosos nesta vertente, já que há alguns estudos sobre a história da radiofonia campinense de maneira ampla, porém, nenhum que possibilitasse a perpetuação da memória coletiva campinense com relação a esse assunto.

Por essa razão, este trabalho foi elaborado com o intuito de recuperar, por meio da pesquisa qualitativa, a memória oral dos programas de auditório de Campina Grande, através de testemunhos daqueles que viveram esse período ressaltando, assim, a importância

sociocultural desses programas para a população campinense durante as décadas de 1940 à 1960, apresentando os principais programas de auditório do rádio local, mais especificamente sobre o palco da Rádio Borborema, bem como, as principais estrelas que emergiram ou que passaram por ele, além de expor, registros documentais da época.

Visto que a base do trabalho seria a memória, optou-se pela metodologia de História Oral, pois, segundo Alberti (1996), esse método possibilita o acesso das “histórias dentro da História”, uma vez que as narrativas coletadas serão sempre visões ou versões subjetivas da realidade vivida, além de oferecer interpretação, explicação e compreensão da história, pois a oralidade é interdisciplinar por utilizar de meios que incitam a memória, além da utilização de um planejamento de perguntas e meios para apanhar as informações necessárias.

Assim, a memória se torna a principal aliada na construção da história dos programas de auditório em Campina Grande, uma vez que será utilizada da entrevista semi-estruturada para a coleta dos relatos e testemunhos daqueles que vivenciaram essa época e ainda guardam no imaginário a realidade passada. Aqui, a memória oral será a linha que costura entre o presente e o passado, e que permite a elaboração da pesquisa, dado que conforme Delgado (2017, p. 220), “as histórias de vida são fontes primorosas para reconstituição de ambientes, mentalidades de época, modos de vida e costumes de diferentes naturezas. Enfim, podem captar com detalhamento o que pode ser denominado ‘substrato do tempo’.”

Esta monografia se configura a partir dos desdobramentos do artigo científico intitulado, *o Rádio campinense: Palcos e protagonistas dos programas de Auditório*<sup>1</sup>, apresentado no GT História da Mídia Sonora integrante do 12º Encontro Nacional de História da Mídia, no ano de 2019, orientado pela Professora Doutora Goretti Maria Sampaio de Freitas. Por isso, foi utilizado das mesmas entrevistas e literatura referente à História Oral e a historiografia da radiofonia nacional e campinense, e mesma linha cronológica para a formatação do conteúdo e ampliação da pesquisa.

Diante dessas motivações, o trabalho foi organizado em 3 sessões fundamentais para a contextualização e apresentação do conteúdo, com os dois primeiros tópicos que são contextualizações históricas dos programas de auditório no rádio em âmbito nacional e regional, e por fim a sessão metodológica para apresentação e exposição da coleta dos relatos.

Sendo assim, no primeiro capítulo intitulado *História do Rádio no Brasil: um meio para elevar a cultura brasileira*, se encontra uma breve história do rádio nacional, até à origem dos programas de auditório que surgiram no rádio ainda na década de 1930, além de

---

<sup>1</sup> Artigo premiado em 4º lugar no Prêmio José Marques de Melo de Estímulo à Memória da Mídia.

discorrer sobre quais influências tais programas foram baseados e qual o papel do ouvinte do rádio tradicional para o surgimento de tais programas. Apresentamos também os principais programas e estrelas da radiofonia nacional.

O segundo capítulo intitulado *A História do Rádio Campinense*, segue a mesma linha cronológica da primeira sessão, desta vez apresentando a história do rádio na cidade de Campina Grande, e subdividindo com subtópicos de acordo com a evolução do meio na região. O tópico inicia-se abordando as primeiras ondas hertzianas que permearam o centro da cidade e sobre a primeira emissora, a Rádio Cariri. Posteriormente, a inauguração e o sucesso da Rádio Borborema, que se destacou com seus programas de auditórios e radionovelas e por isso, ganhou um tópico terciário sobre esse palco que recebeu grandes artistas da época e foi equiparado a qualidade e credibilidade da Rádio Nacional e Tupi, utilizando-se para essa construção, as principais fontes de pesquisa no assunto Maior (2015) e Freitas (2006). Por fim, um ponto sobre a história da Rádio Caturité, a última emissora a ser inaugurada durante a época áurea do rádio campinense.

Na terceira sessão, intitulada *Métodos e Arquivos: memórias e histórias de outrora* traz, por fim, a metodologia utilizada para a construção da memória oral dos programas de auditório de Campina Grande, fazendo uma breve exposição dos métodos e técnicas que colaboraram para a produção do trabalho. Além de exibir os relatos, testemunhos e arquivos pessoais das fontes entrevistadas que ajudaram a recuperar a história da radiofonia local, perpetuando por meio deste trabalho, a importância dessa *era* para o desenvolvimento sociocultural do município de Campina Grande.



## 2. HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL: UM MEIO PARA ELEVAR A CULTURA BRASILEIRA

---

### 2.1 História da Radiofonia Nacional

No dia 06 de abril de 1919 soava pela cidade da capital pernambucana, Recife, as primeiras ondas herztzianas no Brasil, segundo pesquisadores do Grupo Temático História da Mídia Sonora da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia – ALCAR, referendam esta data como a Rádio Clube do Pernambuco como pioneira na transmissão radiofônicas, já a segunda, aconteceu em 07 de setembro de 1922, durante a Exposição Nacional em comemoração ao Centenário da Independência. Silva e Vale Júnior (2012, p.04) destacam que, “essa primeira demonstração pública de uma transmissão radiofônica, apesar de acompanhada de muitos ruídos, causou espanto e curiosidade entre os visitantes do evento.” Para essa primeira transmissão, foram instalados oitenta receptores em praças públicas pela antiga capital brasileira e pelo local da Exposição. Meneguel e Oliveira (2009) contam que através dessa transmissão, os ouvintes puderam prestigiar o discurso do presidente Epitácio Pessoa e trechos da Ópera Guarany, de Carlos Gomes, que estava sendo executada no Teatro Municipal.

Com o êxito das transmissões radiofônicas durante a Exposição Nacional, no ano seguinte, em 1923, foi inaugurada a primeira emissora de rádio brasileira: Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, pertencente ao cientista Henrique Morize e ao escritor e antropólogo Edgar Roquette Pinto. De acordo com Meneguel e Oliveira (2009, p. 04) “os fundadores da primeira emissora de rádio tinham o objetivo de elevar o nível cultural do país, e por isso contava com a presença de vários intelectuais que contribuíram através de entrevistas e palestras”. Entretanto, para Tinhorão (1981) vale salientar que, a emissora pioneira ia ao ar em condições precárias e cheio de improvisos.

Mesmo diante do primitivismo e das precárias condições, ainda na década de 1920, foram criadas a Rádio Clube do Rio de Janeiro e a Rádio Mayrink Veiga, em 1924 e 1926 respectivamente. Conforme Silva e Vale Júnior (2012, p. 05), “o rádio, em sua primeira fase, tornou-se um meio preocupado em levar educação e cultura à população”.

Contudo para que fosse criada uma nova emissora, era necessário a formação de uma rádio sociedade regida por um estatuto, que determinava a colaboração quantitativa mensal de seus associados. Por isso, as rádios funcionavam em sociedade ou clubes e por algum tempo a renda das emissoras se dava principalmente através dessa fonte. Entretanto, nem sempre seus

colaboradores eram fiéis ao pagamento, por isso, até então, o rádio atendia majoritariamente às classes altas da sociedade. De acordo com Meneguel e Oliveira (2009):

Nesse período também era comum os locutores pedirem, em seus programas, que os ouvintes se inscrevessem como sócios e contribuíssem, emprestando seus discos à emissora, para que a programação pudesse ser feita. A elite que tinha condições de adquirir um aparelho, também possuía em casa diversos discos que doava ou cedia temporariamente. Ao anunciar a música, o locutor agradecia ao ouvinte que tinha emprestado ou doado o disco à emissora. A programação das emissoras, nesse sistema de sociedade, acabava atendendo as camadas sociais mais altas e refletia seus interesses, pois eram elas que mantinham a emissora no ar. (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009, p. 06)

A partir da década de 1930, deu-se o início da popularização do rádio entre as camadas mais baixas da sociedade. Com isso, a partir dos estudos de José Ramos Tinhorão (1981) e Elias Saliba (2002), o rádio brasileiro passaria por mudanças e se tornaria um meio de comunicação popular, jocoso e caloroso, proveniente do sucesso do teatro de revista e dos folhetins. Para Tinhorão (1981):

A chave da explicação para o impulso do rádio, como novo instrumento tecnológico de difusão de possibilidades de lazer urbano [...], a profissionalização do rádio começava a se fazer pelo atendimento das exigências mais imediatas da massa, em prejuízo do sentido cultural-elitista prognosticado pelo pioneiro Roquette Pinto. [...] (TINHORÃO, 1981, p. 43)

Ainda de acordo com Silva e Vale Júnior (2012), outro fator importante para a transição do cenário radiofônico foi a autorização da publicidade durante os programas, pois, até então, a organização das emissoras se dava através de patrocínios das sociedades e clubes, que sustentavam as programações elitistas. Silva e Vale Júnior (2012) ainda destacam que:

Definido como um serviço de interesse nacional e de finalidade educativa, o rádio teve seu funcionamento regulamentado pelo governo, que procurava proporcionar-lhe bases econômicas mais sólidas. A veiculação de propaganda pelo rádio foi autorizada em março de 1932, fazendo com que tal meio de comunicação, tido como erudito, instrutivo e cultural, ganhasse formatos mais populares. (SILVA; VALE JÚNIOR, 2012, p. 05)

O rádio comercial<sup>2</sup> e a popularização do meio levaram a família brasileira para a sala de casa e a permanecer com o aparelho boa parte do dia ligado, colaborando para o surgimento de um elo entre o indivíduo e a coletividade, sendo capaz de vender produtos, ditar “modas” e também mobilizar as massas para uma participação ativa na vida nacional:

A entrada do investimento publicitário também finalizou a fase da improvisação, ampliando a concorrência, quando se aprofundou a contradição entre “a preocupação cultural da radiodifusão e o interesse das camadas da classe média urbana, voltados exclusivamente para o divertimento o que originou o ‘rádio moderno: o rádio comercial, destinado a atender por todas as formas ao gosto massificado dos

---

<sup>2</sup> O rádio comercial brasileiro teve início através de Ademar Casé, o primeiro responsável pela entrada de propagandas na programação radiofônica do país, demonstrando juntamente com alguns colegas de profissão, a oportunidade de lucro por meio da publicidade no veículo (SAROLDI; MOREIRA, 2005: 36)

ouvintes, para maior eficiência da venda das mensagens publicitárias dos intervalos' (TINHORÃO, 1981, p. 43).

Durante a década de 1930, grandes rádios foram surgindo pelo Brasil, como a Record em São Paulo, a Inconfidência em Minas Gerais, a Gaúcha no Rio Grande do Sul, a Philips no Rio de Janeiro.

Para Vianna e Santos (2016), a inauguração da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, em meados da década de 1930, foi um marco importante dessas transformações no rádio brasileiro, pois contava em seu *casting* com inúmeros talentos da música brasileira, um dos fatores que tornava seus programas inovadores e merecedores de uma audiência cativa. Segundo Aguiar, (2007):

No Brasil, nenhuma outra emissora desempenhou tal papel, e com tamanha competência e alcance, que a Rádio Nacional. Como bem resumiu o jornalista Sérgio Augusto, a Rádio Nacional foi o canal exclusivo de informação e formação cultural do povo brasileiro, fazendo deste vasto paraíso tropical a primeira grande aldeia global dos tempos modernos. (AGUIAR, 2007. p. 09)

Com o público cada vez mais ativo durante as programações, era necessária uma busca contínua por novidades e atrações artísticas, assim, o rádio chegou aos anos 1940 mais atuante do que nunca, os programas reuniam todos os esforços para cativar seus ouvintes e superar a concorrência. O rádio estabeleceu um meio que criou e recriou estilos de vida, criou palavras, expressões e práticas do dia a dia. Essa influência se tornou tão presente na vida dos brasileiros, que não ter um aparelho radiofônico ou não ouvir os programas, era estar fora da moda, naquela época. (CASÉ, 1995).

De acordo com Calabre (2003, p. 01), “O objetivo principal era o da manutenção e da ampliação da audiência, o que significava uma busca constante de novidades nos modelos de programação e nas atrações artísticas.”

Diante da busca pela conquista e a fidelização de seu público, a partir da década de 1940, conforme Pessoa e Viana (2013), o rádio passou a ser um meio de comunicação mais aberto e íntimo do seu ouvinte, pois eles começaram a visitar as emissoras de rádio para conhecer de perto seus artistas e radialistas prediletos. Com essa interação entre rádio e ouvinte, aumentava-se a audiência e a participação acalorada do público, que gerava mais verbas publicitárias para as emissoras. Calabre (2003) destaca que:

Os artistas de rádio das décadas de 1940 e 1950 tinham consciência do papel de vedetes<sup>3</sup>, de olímpianos<sup>4</sup>, a eles destinado e costumavam cumprir todos os rituais

<sup>3</sup> Artista conhecido a quem são atribuídos grandes papéis no cinema, no teatro ou noutro tipo de espetáculos.

<sup>4</sup> Uma referência à mitologia grega, na qual cada um dos deuses que habitam o Olimpo, comparando a veneração aos artistas com os antigos deuses.

impostos pela fama. Cercados de fãs-clubes, convivendo com um público ávido por informações sobre os seus cotidianos, os artistas de rádio alimentavam a imagem dessa figura mista de seres humanos normais e de estrelas. As entrevistas e depoimentos publicados pelos jornais e revistas da época deixam transparecer a intencionalidade da manutenção do mito. E para isso era fundamental uma constante publicidade sobre a vida pessoal e profissional. (CALABRE, 2003, p. 02).

A presença, cada vez mais recorrente, do público nas emissoras e em seus auditórios, tornou as décadas de 1940 e 1950 como a “Era do Ouro” do rádio, pois “os carros chefes” das emissoras de rádio, os programas de auditório e as radionovelas, iriam além das ondas hertzianas, se apresentando em lonas nas cidades pelo interior e em caravanas patrocinadas por anunciantes. Pessoa e Vianna (2016) ainda evidenciam que:

Os programas se firmaram como um meio de expressão, um espetáculo audiovisual que acontecia no auditório e nos estúdios e um acontecimento social que repercutia posteriormente nas revistas e jornais impressos, com fotos, resumos dos capítulos das novelas e reportagens sobre a vida dos artistas. Mais tarde, esses dispositivos alcançariam um novo meio de comunicação: a televisão. (VIANNA; SANTOS, 2016, p. 147)

## **2.2 Programas de Auditório: da festa popular para os estúdios de rádio**

### ***2.2.1 Origem e influências***

Pelas ondas hertzianas, o rádio transmitia um mundo de fantasia com toques de humor e emoção que envolvia todos na sala de estar de suas casas para ouvir programas variados como as radionovelas, musicais, noticiosos e humorísticos, que mexiam com o imaginário dos brasileiros e mostrava o mundo além da cidade/estado em que se vivia. Segundo Calabre (2003):

Os programas radiofônicos das décadas de 1940 e 1950 eram mais elaborados que os contemporâneos, envolviam um grande número de profissionais em sua execução. O rádio tinha em sua programação humor, informação, música, dramatização e esporte. (CALABRE, 2003, p. 01)

Entre os anos de 1940/50 o rádio passou a ser alicerçado majoritariamente de maneira comercial, o que contribuiu para o seu apogeu. Esse ápice do rádio iniciou-se a partir das visitas dos ouvintes, que deslumbrados pelas vozes do rádio passaram a visitar as emissoras de rádio para conhecer seus artistas e radialistas favoritos. Essa situação impulsionou as parcerias publicitárias, pois a presença física e a interação entre público e animadores dentro das emissoras, resultava numa maior adesão do público e conseqüentemente um aumento das verbas publicitárias. (PESSOA; VIANNA, 2013)

Devido a esse acolhimento do público dentro das emissoras de rádio, os programas de auditório escaparam das ondas hertzianas e se tornaram um meio de expressão, um espetáculo audiovisual que acontecia no próprio auditório e contava com palco decorado, radialistas e

artistas com roupas a caráter, plateia bem vestida e organizada em caravanas com faixas. Desta forma, estes shows iriam além de serem apenas programas radiofônicos, mas sim um acontecimento social que repercutia posteriormente nas revistas e jornais, com fotos e textos. (PESSOA; VIANNA, 2013)

Os programas de auditório no rádio podem ser considerados como multiplicidade de informações e diversidade de seções. Contudo, o entretenimento é a tônica de tudo e está presente nos quadros de humor e nos números musicais, dominado pelas emoções dos ouvintes/espectadores geradas a partir do envolvimento com os apresentadores e radioatores através dos jingles<sup>5</sup> engraçados, dos shows de calouros, apresentação de piadas no ar, paródias musicais, esquetes<sup>6</sup> humorísticos dentre outras produções. (VIANA; FREITAS, 2019).

As textualidades que construíram estes programas escapavam do ato de ouvir, extrapolavam sentidos, tanto que os artistas e radialistas precisavam ter boa aparência, interatividade com o público presente, graça no palco e humor, como aponta Vianna e Santos, (2016).

Nos auditórios acontecia uma experiência multissensorial, na qual o público passava de apenas ouvinte para leitor-ouvinte-espectador que assistiam a uma apresentação verbo-audiovisual. A pesquisadora Sílvia Sousa (2009) defende que o programa de auditório tanto no rádio como na TV era/é constituído pela estética do excesso, que oferece uma profusão de estímulos ao espectador.

Ademais, a origem dos programas de auditório contou também com influências do circo e do teatro de revista. Vianna e Santos (2016) apontam que:

Os quadros humorísticos e musicais dos programas de auditório tiveram sua origem principalmente nas peças do teatro de revista (influenciadas, por sua vez, pelas operetas europeias). Eles traziam de forma ágil, nas suas textualidades, duas formas marcantes: o humor e a música. (VIANNA; SANTOS, 2016, p. 147)

Ainda com influências do teatro, os programas de auditórios aproveitavam esquetes humorísticos com música, fala coloquial, humor ligeiro, repetição de formatos, agilidade nas narrativas para dar dinamismo às apresentações, como eram feitas nas salas de teatro, que tinham o intuito de antecipar as aguardadas projeções fílmicas. (VIANNA; SANTOS, 2016)

Além disso, é importante realçar que assim como as coxias de teatro de revistas nas primeiras décadas do século, eram pontos de encontros amorosos e sociais, os estúdios de rádio se tornaram grandes concentrações urbanas, verdadeiras casas de diversão. Dessa forma, realçou um novo tipo de paixão entre fãs e as estrelas dos cartazes. (TINHORÃO, 1981)

---

<sup>5</sup> Canção curta utilizada para publicidade de determinado produto ou serviço.

<sup>6</sup> Peça de curta duração e poucos atores, feita em teatros, cinema e TV.

Por conta da intervenção do público na maneira de produzir os programas de auditório, Tinhorão (1981) vai intitular o rádio brasileiro como ‘teatro dos pobres dos grandes centros urbanos’, pois esses ambientes se tornaram espaços de sociabilidade e socialização de todas as camadas sociais, principalmente as mais populares.

Ainda sobre as influências que um programa de auditório de rádio possuía, era possível notar algumas características do circo popular, pois contavam com espetáculos movimentados, com atrações variadas, ambiente alegre, ruidoso e animado, atmosfera de emoção, estrutura física composta por palco/picadeiro e arquibancada, linguagem popular, presença do humor e da música. No circo, a música era executada por uma banda presente no espetáculo, característica essa, que as emissoras se apropriaram para acompanhar a execução dos programas. (MAGNANI, 2003)

Mira (1995) ressalta que o circo e as festas populares do interior, se encontram como fenômenos culturais fundamentais na composição dos programas de auditório, visto que é possível verificar uma mistura de atrações de estilos populares e uma grande variedade de recursos cênicos e artísticos em sua estrutura.

Tal composição formou as características essenciais em um programa de auditório tanto no rádio como atualmente na TV que, segundo Souza (2004), é a variedade de atrações e de recursos, a presença da plateia no estúdio e a figura de um apresentador-animador que conduz o programa e estimula o auditório a cantar, aplaudir, dançar e convidar para brincadeiras.

Assim, como ocorreu em meados do século XIX quando a burguesia passou a demonstrar seu carisma pelos espetáculos líricos nos teatros musicais, segundo Tinhorão (1981), a plateia possuía divisão de partidos que tinham a finalidade de demonstrarem sua admiração aos artistas, por meio de aplausos e euforia. Esse costume entre o público perpassou para os programas de auditório, porém dessa vez com uma abrangência maior de classes e também nos conteúdos apresentados.

Os programas de auditório permitiram a massa flutuante das empregadas domésticas, costureiras, operárias, pequenos artesãos e donas de casa suburbanas, um contato mais íntimo com seus ídolos nos auditórios, contribuíram para o aparecimento de um fenômeno nesse tipo de relação público-artista: as rainhas passavam a ter um séquito pessoal. (TINHORÃO, 1981, p. 77)

Perante o ‘olimpo’ que eram os auditórios, geralmente, os apresentadores detinham a atenção de senhoras humildes, que os consideravam como símbolos de admiração. Já as cantoras e cantores, eram o centro de fã-clubes que os auxiliavam no controle de cartas, decidiam práticas em nome dos artistas, responsabilizavam-se pelo envio de informações à

imprensa, promoviam músicas através dos telefones das rádios, dentre outras atitudes para deixá-las sempre em evidência na imprensa e perante seus ídolos. (TINHORÃO, 1981)

A participação dos fã-clubes, de caravanas e a divisão na plateia geravam imensa euforia dentro dos compactos auditórios das emissoras, isso construía uma sensação de intimidade nos ouvintes de casa, que por sua vez sentiam-se acolhidos e como parte dos programas. Esse elo, criava um fascínio das classes mais baixas não apenas pelos programas, mas também pelas atrações artísticas. Sendo assim, era inevitável o fenômeno de identificação e imitação de gestos, comportamentos e maneiras de falar, com os quais o público e o artista se assemelhavam, fazendo com que a casa da família brasileira fizesse parte do auditório e assim pudesse representar a ascensão de classes. (TINHORÃO, 1981)

Ferreira (2011) destaca que no gênero auditório, o caráter de afirmação do apresentador é bastante nítido, pois ele desempenha o papel de animador, anfitrião, mediador e juiz. Desse modo, ao executar esses papéis, o apresentador é a linha que costura todas as falas em circulação no programa (locutor, convidados, jurados e plateia), sempre sem deixar o programa esfriar, provocando gritos, palmas, dentre outras emoções em seu público.

Para entender melhor o papel do apresentador, Mira (1995) descreve o perfil do apresentador-animador do passado e a figura do apresentador e empresário Sílvio Santos, que iniciou sua carreira na Rádio Nacional e atualmente é apresentador da emissora de TV, SBT.

Nos séculos XVI e XVII, os espetáculos de praça pública tinham um apresentador. O charlatão ou “opérateur”, como às vezes ele se autodenominava na França, era um vendedor ambulante de pílulas e outros remédios, que fazia palhaçadas e desfiava uma arenga engraçada para atrair a atenção de fregueses em potencial. Na Itália, a palavra ‘ciarlatano’ pode significar um camelô que vende remédios ou um ator de rua. Mas a praça não era o único cenário da cultura popular. Quando o espetáculo era apresentado nas tabernas ou em seus pátios, o estalajadeiro atuava como empresário ou ‘animateur’. A semelhança com a figura de Sílvio Santos não parece ser mera coincidência. Poderíamos pensá-lo como um ‘charlatão moderno’: ao mesmo tempo apresentador de espetáculos e empresário capitalista. Na verdade, um dos maiores empresários brasileiros no setor da ‘cultura popular de massa’. O tipo de espetáculo que ele comanda em seu programa e no próprio SBT como um todo incorporou temas, fórmulas e características próprias do universo da cultura popular tradicional, agora produzidos em larga escala e negociados no mercado de bens culturais. (MIRA, 1995, p. 141)

Os programas de auditório, desde sua criação, sempre fizeram parte da vida dos brasileiros, antes por meio do rádio e atualmente pela televisão, com atrações criadas durante a “Era do Ouro” do rádio e que permeia até hoje nos programas de TV e que ainda apresenta ao Brasil, novos cantores, apresentadores e humoristas.

### **2.3 Programas de auditório de destaque nacional**

Com o surgimento da TV os artistas e radialistas foram levando do rádio os programas de grandes audiências, assim, ao tempo em que a TV ia se popularizando com artistas e programas já conhecidos, o rádio ia perdendo seu glamour. Porém é decerto que foi o rádio que gerou grandes cantores, compositores, humoristas, apresentadores e artistas que marcaram gerações.

Foi na Rádio Nacional que surgiram os primeiros animadores de sucesso e programas de auditório de maior destaque nacional. Segundo Aguiar (2007),

Todo mundo diz, e todo mundo está certo, que a Rádio Nacional foi um prodígio cultural e um notável fenômeno de massa. Os dados são insofismáveis: em 1944, segundo o Ibope, a Nacional detinha cerca de 70% da audiência contra apenas 10% da segunda colocada, a Rádio Tupi. (AGUIAR, 2007, p.10)

O primeiro programa de auditório foi idealizado por Henrique Foréis Domingues, o Almirante, em 1938 na Rádio Nacional. Sua ideia era de utilizar o auditório de forma direta entre locutor e público, de forma que o público tivesse participação ativa no programa. Com isso, de acordo com Aguiar (2007, p. 21), “Almirante, além de outras apresentações, idealizou, produziu e animou o primeiro programa montado da rádio brasileiro: *Curiosidades musicais*.”

O Programa *Curiosidades Musicais* foi ao ar no dia 25 de abril de 1938 e acontecia semanalmente às segundas-feiras, às 21 horas. Desde sua primeira edição, o programa se tornou um enorme sucesso. Conforme Aguiar (2007):

O *Curiosidades Musicais* ia ao ar sempre às segundas-feiras, às 21 horas. A abertura musical do programa era, do ponto de vista artístico, um verdadeiro achado: uma grande orquestra executava os primeiros compassos da "Rhapsody in blue", de Gershwin, seguidos da primeira parte do batuque "Na Pavuna", de Homero Dornelles e do próprio Almirante. (AGUIAR, 2007, p. 21)

Visto o triunfo do *Curiosidades Musicais*, ainda no mesmo ano, Almirante propôs à direção da Rádio Nacional um programa mais inovador, o *Caixa de Perguntas*, que foi ao ar no dia 05 de agosto de 1938. Neste programa, Almirante percorria por entre as cadeiras do auditório colhendo respostas do público, com o microfone na mão e ainda oferecia prêmios de 5, 10 e 30 mil réis pagos na hora, aos acertadores das perguntas. (AGUIAR, 2007)

Segundo Tinhorão (1981):

Transformados pois os auditórios de rádio em arraial-circo-teatro, começaram a multiplicar-se os programas ao vivo e o próprio Almirante ia fazer casais subirem ao palco da Rádio Nacional para disputarem prêmios exibindo suas habilidades e qualidades artísticas dançando nos programas da série *A história das danças*. (TINHORÃO, 1981, p. 66)

Não apenas, o Almirante deu oportunidade ao público de participar e demonstrar seus talentos, mas também Celso Guimarães, Ary Barroso e Renato Murce, foram apresentadores



de programas de auditório com o objetivo de apresentar talentos dos ouvintes, os famosos e ainda atuais *Programas de Calouros*, entre a década de 1930 à 1950, como *Papel Carbono*, *Em Busca de Talentos de 38*, *Calouros em Desfiles*, *Hora do Tiro*, dentre outros programas que se destacaram nas rádios cariocas e paulistas. (TINHORÃO, 1981)

De casa, os ouvintes sentiam-se representados pelos participantes que apesar dos julgamentos e a ridicularização dos animadores, eram sujeitos que não se deixavam abater e demonstravam não apenas o talento musical, mas também a superação da rotina do proletariado. Tinhorão (1981, p.61), ainda destaca que, “na verdade foi através dos programas de calouros que surgiram para a vida artística da época, dezenas de nomes que viriam a formar a grande constelação de astros do rádio”

Certamente a Rádio Nacional do Rio de Janeiro era detentora de maior audiência nacional pois passou a transmitir seus programas para todo país durante o tempo áureo do rádio. Com isso a emissora ainda possuía três grandes nomes importantes em seu *cast*: Manoel Barcelos, Paulo Gracindo e César de Alencar. Conforme Aguiar (2007), o anuário da Rádio Nacional da década de 1950 contava com Orlando Silva, Francisco Alves, Sílvio Caldas, Emilinha Borba, Vicente Celestino e Carlos Galhardo, César Ladeira, Celso Guimarães, Ismênia dos Santos, Isis de Oliveira, Daisy Lúcidí, Floriano Faissal, Paulo Roberto, Milton Rangel, Álvaro Aguiar, Paulo Gracindo, Paulo Tapajós, Nestor de Holanda, Heron Domingues, Renato Murce, Haroldo Barbosa, Brandão Filho, Almirante, Fernando Lobo, Manoel Barcelos, César de Alencar, Ghiaroni, Eurico Silva, Mário Lago, Radamés Gnattali, Léo Peracchi, os cantores Ivon Cury, Heleninha Costa, Cauby Peixoto, Marlene, Dircinha e Linda Batista, Elizete Cardoso, Dalva de Oliveira e Ângela Maria.

Porém, mesmo com toda glória que os programas de auditórios proporcionaram ao rádio, esse modelo de produção com grandes espetáculos, com a utilização de orquestras ao vivo, foram desaparecendo ao longo dos anos de 1960 e 1970, com a chegada da TV no Brasil. Sendo assim, o rádio adotou o modelo de música, esporte e notícia, com a apresentação de músicas gravadas em disco, e com equipes de repórteres e locutores para a produção dos noticiários. (CALABRE, 2003)

### 3. HISTÓRIA DO RÁDIO CAMPINENSE

---

#### 3.1 A Voz de Campina Grande e Rádio Cariri: o início da radiofonia campinense

Enquanto no Brasil, há mais de uma década já se soava as ondas hertzianas das rádios e difusoras pelos estados brasileiros, em Campina Grande/PB<sup>7</sup> as primeiras transmissões radiofônicas iniciaram no ano de 1936, quando o gaúcho Jovelino Farias instalou alto-falantes na Rua Marquês do Herval<sup>8</sup>, no prédio onde sua escola de dança funcionava, para propaganda dos serviços. Visto o benefício que os ‘falantes’ davam à comunidade, conforme Freitas (2006, p. 126) “Ali foram transmitidos por vários anos, programas bons e relevantes serviços à coletividade campinense”

Porém foi com a difusora *A Voz de Campina*, na década de 1940, que os serviços sonoros se ampliaram pela cidade. Ela era instalada no segundo andar do Edifício Esial na Praça da Bandeira<sup>9</sup>, no centro da cidade, com alto-falantes instalados pelas principais ruas de Campina Grande como as ruas João Pessoa, Maciel Pinheiro, Semeão Leal e na Feira Central. A difusora, mesmo dentro de sua precariedade e limitação, assumiu o papel que o rádio viria a assumir anos depois, pois fazia da sacada do Edifício Esial o palco e a praça pública seu auditório. De lá, seu fundador, José Jataí, e seu colega Hilton Mota, apresentavam programas sobre futebol, política e principalmente culturais, no qual centenas de espectadores prestigiaram as apresentações. Segundo Freitas (2006, p. 127):

Da Praça da Bandeira por muitos anos, Campina Grande teve o seu ‘auditório ao ar livre’, com apresentações de verdadeiros mitos da radiofonia brasileira como: Hebe Camargo, Sílvio Caldas, Luiz Gonzaga, Dilú Melo, Isaura Garcia, Quitandinha Serenade, Jararaca e Ratinho, Venâncio e Corumbá, dentre outros que fizeram a alegria da população campinense. (FREITAS, 2006, p. 127)

Ainda como difusora, *A Voz de Campina* foi um berço para grandes nomes do rádio campinense como: Hilton Mota, Gilberto Mota, João Gomes, Bento da Gama e Nilo Tavares.

Após alguns anos de ondas hertzianas correndo pelas ruas de Campina Grande, no dia 13 de agosto de 1948, foi inaugurada a primeira emissora de rádio, a Rádio Cariri, pelo filho

---

<sup>7</sup> Localizada a 131 quilômetros da capital paraibana, João Pessoa. Com uma população estimada de 411.807 habitantes, sendo a segunda maior cidade da Paraíba e a maior cidade do interior do estado, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), 2020. É nacionalmente conhecida pelo Maior São João do Mundo e pela produção de algodão colorido, além do artesanato proveniente da obra-prima.

<sup>8</sup> É uma das primeiras e principais ruas de Campina Grande, até meados do século XX, era a principal via de comercialização de algodão, pelos tropeiros da Borborema.

<sup>9</sup> É a principal praça da cidade de Campina Grande, é o famoso coração cívico e “caixa de ressonância” por onde passam boêmios, poetas, políticos, artistas, estudantes, ocupados e desocupados, desde sua construção até os dias de hoje.

do ex-presidente Epitácio Pessoa, Epitacinho Pessoa, no bairro do Bodocongó. Segundo Freitas (2006):

A emissora foi recebida com muita alegria pela sociedade local, tendo se instalado a princípio no bairro de Bodocongó. Seu Estúdio e auditório funcionaram no Clube dos Funcionários da Fábrica Textil, sendo que seus transmissores e antena foram instaladas na Rua Pedro II, no alto da Bela Vista. (FREITAS, 2006, p.130)

Mesmo com dificuldade na produção e operação técnica da programação, a emissora invadia os lares de todo o compartimento da Borborema, influenciando os costumes dos campinenses com seus programas de cantoria, artistas locais e programas esportivos. Segundo Freitas (2006, p. 130): “Como o local de instalação da emissora foi construído em um bairro afastado do centro da cidade, os artistas que para lá iam fazer apresentações, eram transportados numa camioneta do próprio José Jataí, ou em ônibus da linha”.

Conforme Maior (2015), a primeira emissora reuniu alguns nomes já conhecidos pelos campinenses pelas primeiras transmissões radiofônicas como: José Jataí, Hilton Motta e Gil Gonçalves.

Diferente das próximas emissoras de rádio que serão apresentadas, a Rádio Cariri<sup>10</sup> teve sua história fragmentada passando por momentos de silêncio e mudanças radicais, devido às mudanças de direção ao longo do tempo e, apesar de atualmente funcionar como FM, ela não possui um público fiel como será visto posteriormente com a rádio Caturité.

### **3.2 Rádio Borborema: “Está com você não importa onde você esteja”**

Em meio ao centro da cidade de Campina Grande, entre as ruas Cardoso Vieira e Venâncio Neiva<sup>11</sup>, no dia 08 de dezembro de 1949, era inaugurada a rádio de maior destaque da “Era do Ouro” da radiofonia campinense, sob inspiração do jornalista Assis Chateaubriand. Maior, enfatiza: (2015, p. 79), “a rádio Borborema é aquela que prendia seus ouvintes com produções das mais interessantes”

Durante esse período, Campina Grande estava vivendo o seu apogeu na comercialização de algodão, com isso não foi difícil Chateaubriand encontrar parceiros para instalar a segunda emissora da cidade, dentre os maiores incentivadores vale destacar o comerciante libanês-campinense Cônsul José Noujaim Habib El-Koury e do técnico em eletrônica José Cavalcante. Logo foram adquiridas terras no bairro do Alto Branco para

---

<sup>10</sup> A antiga emissora Rádio Cariri mudou seu sinal para FM no ano de 2017, chamando-se 101.1 FM. Desde 2018 até então, a mesma funciona com o nome de Rádio Cariri 101FM, pela frequenciamodulada 101.1. Está localizada no bairro da Palmeira.

<sup>11</sup> Estas ruas estão localizadas no centro da cidade, onde atualmente se encontra o *Calçadão* da Cardoso Vieira e a rua comercial Venâncio Neiva.

instalação dos transmissores de ondas e os 1º e 2º andares completos do Edifício São Luís foram alugados por Chateaubriand, para acomodação dos estúdios, redação e auditórios da Rádio Borborema. (FREITAS 2006).

Freitas (2006) ainda comenta que seu idealizador, Chateaubriand, impôs que a Rádio Borborema adotasse o mesmo estilo das rádios Tupy do Rio de Janeiro e São Paulo quanto a qualidade de som e programação, por isso foram adquiridos transmissores importados dos Estados Unidos e 500 poltronas do Rio de Janeiro para implantação do auditório. Diante de tanto esforço e investimento, a Rádio Borborema iniciou sua estreia de forma deslumbrante e assumiu o eixo radiofônico campinense, recrutando as melhores vozes da rádio Cariri e da Difusora Voz de Campina Grande. Segundo Freitas (2006):

Iniciou suas atividades com uma programação dinâmica, causando furor de audiência em Campina Grande e cidades vizinhas. Desempenhando um papel importante para o desenvolvimento da cidade, a Rádio ditou normas e modificou padrões de comportamento da sociedade através de sua programação dinâmica e moderna que a princípio se caracterizava pelas rádios-novelas e programas de auditórios. (FREITAS, 2006, p. 135)

Com o slogan: “A Rádio Borborema está com você, não importa onde você esteja”, ela tornou-se um exemplo para o Nordeste, conquistando audiência em território nacional e internacional. Seu poder de alcance e qualidade pode ser equiparado à Rádio Nacional do Rio de Janeiro, com alto padrão de qualidade e confiabilidade. O palco do auditório da Borborema foi berço de artistas paraibanos que posteriormente se tornaram astros nacionais, além de se destacar também com suas radionovelas, pelas quais recebia scripts<sup>12</sup> de autores consagrados como: Max Nunes, Dias Gomes e Janete Clair para que atores locais interpretassem. Conforme Freitas (2006), as rádios-novelas marcaram época em Campina Grande:

As rádio-novelas marcaram época em Campina Grande ditando padrões, aquilo que era dito no microfone funcionava como moda em função do gosto popular e atingiu sucesso, criando ídolos que eram admirados principalmente pelo público feminino. O rádio-teatro era feito ao vivo, radiofonizando obras de autores nacionais, internacionais, bem como locais como Fernando Silveira. (FREITAS, 2006, p.138)

A Borborema possuía uma programação diversificada, seguindo os modelos das grandes rádios nacionais do Rio de Janeiro e São Paulo, com apresentação das novelas no horário noturno a partir das 20 horas, estendendo-se até às 21:30 horas de segunda à sexta-feira, além de três apresentações diárias de programas de auditórios nos três turnos. (FREITAS, 2006)

---

<sup>12</sup> Script é um texto com uma série de instruções escritas para serem seguidas por pessoas em peças teatrais ou programas radiofônicos e televisivos.

A emissora esteve em todos os grandes eventos campinenses, transmitindo ao vivo acontecimentos da cidade como mobilizações populares, a construção do estádio de futebol, a conquista da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande e ainda contribuiu para a difusão da cultura regional. A Rádio Borborema <sup>13</sup>segundo Maior (2015), apesar de extinta, a emissora ainda se faz presente na memória e na história da radiofonia brasileira.

### **3.2.1 Rádio Borborema: O Palco para grandes espetáculos**

Como a Rádio Borborema desde seu início ganhou destaque regional e posteriormente nacional, o palco do seu auditório foi o berço e o trampolim para vários radialistas e artistas paraibanos, competindo em qualidade com emissoras já conhecidas pelo Brasil como a Rádio Nacional e Tupy. Segundo Maior (2015), em seus primeiros anos, a Borborema contou com nomes importantes para radiofonia campinense como: Hilton Mota, Leonel Medeiros, José Jathaí, Gil Gonçalves, Cristóvão Barros de Alencar, Fernando Silveira, Palmeira Guimarães, Genésio de Sousa, Epitácio Soares, Felix de Souza Araújo, Juracy Palhano, Ramalho Filho, Eraldo César, Deodato Borges, Rosil Cavalcante e Maria Mendes.

No início da década de 1950 alguns programas de auditório campinenses atingiram sua audiência total, de acordo com Freitas (2006), os programas que mais destacaram foram *Aquarela Nordestina*, *Escolinha do professor Nicolau* produzido por Fernando Silveira, *Domingo Alegre* produzido por Leonel Medeiros, *O clube do Papai Noel* apresentado por Eraldo César, *O Forró de Zé Lagoa* produzido e apresentado por Rosil Cavalcanti, *Encontro com o passado* de Juracy Palhano e o programa de variedade de Palmeiras Guimarães.

A Borborema contava com um *cast* excelente de radiadores, radialista, músicos e técnicos, que a equiparava com outras grandes emissoras do país. Maior (2015) destaca que para acompanhar as grandes vozes que subiam ao palco do auditório, a Rádio Borborema possuía a própria orquestra, a Orquestra Borborema que contava com o maestro Nilo Lima, Jaime Seixas e Hermany Capiba no piano, Emiliano no violão, Gabimar e Ogírio Cavalcanti no acordeom ou no piano, José Apolo na bateria, José Maria no violão ou no violoncelo, Arlindo no pistom, Arnóbio Araújo no saxofone, além de Chicó, Diomedes e Edmilson, Geraldo Correia no acordeom.

Freitas (2006) salienta que:

---

<sup>13</sup> A emissora Rádio Borborema não chegou a mudar seu sinal para FM, pois foi extinta ainda antes da mudança. Atualmente, a rádio CBN utiliza-se da frequência modulada 103.5, que seria destinada à Borborema.

Desde a sua inauguração e até cerca de 20 anos depois, detinha um grande número de funcionários em seus quadros. A orquestra Borborema, que tinha regência do maestro Nilo Lima contava com 15 músicos; O Conjunto de Ritmo e Regional tinha mais de 10 pessoas; 08 locutores permanentes; 12 radioatores; 5 redatores, além dos colaboradores de rádio-jornal e 06 operadores de som nos estúdios e emissores. (FREITAS, 2006; p. 137)

Maior (2015) e Freitas (2006) relembram em seus respectivos estudos alguns cantores e músicos que passaram pelo palco da Borborema: George da França, Vicente Andrade, Silvinha de Alencar, Janete Macêdo, Dina de Almeida, Dinalva França, Manoel Serafim, Nelson Roberto, Marinês, Jackson do Pandeiro, Maysa, Genival Iacerda, Sonia Maria, Luiz Gonzaga, Nelson Gonçalves, Hebe Camargo, Sivuca, Ângela Maria, Cauby Peixoto, Isaura Garcia, dentre outras estrelas regionais e nacionais. Além de receber também grandes nomes internacionais da música como: Frei José Mojica, Josephine Baker, Augustin Lara e sua orquestra, o trio argentino Los Palomitas, El Cubinato, a cantora portuguesa Esther de Abreu, dentre outros.

### **3.3 Rádio Caturité: “Comunicação para o Desenvolvimento”**

A década de 1950 iniciou com a inauguração oficial da Rádio Caturité, em 07 de abril de 1951, com o intuito de propagar a cultura e o progresso de Campina Grande, através da assinatura de um contrato de sociedade entre o jornalista Teófilo Benedito de Vasconcelos e o advogado Sávio Carvalho da Silveira. Segundo Freitas (2006), a emissora nasceu de uma campanha política nas eleições de 1951, quando Argemiro Figueiredo disputava o governo estadual contra José Américo e o Ministro Pereira. Freitas (2006, p. 141) ressalta, “A Caturité serviu de inspiração política para uma época em que o Brasil vivia a maior abertura para a democracia, os anos 50”

Em 1955, a emissora passou a ser dirigida pela Diocese de Campina Grande, permanecendo até hoje, com isso, ao longo dos anos foram-se também mudando de direção entre leigos e padres católicos campinenses, como João Pessoa Sobrinho, Juarez Barreto, José Cursino de Siqueira, Dr. Stênio Lopes e Padre José Vanildo. Freitas (2006) destaca que:

A Caturité sempre buscou através de sua programação diversificada, atingir todas as camadas de ouvintes. Desde os que procuram a notícia verdadeira, obtida diretamente das fontes, até os que buscam os vários tipos de músicas, o esporte ou uma orientação segura no campo religioso, tomando-se portanto, um canal popular e aberto e todas as manifestações democráticas. (FREITAS, 2006, p. 164)

Com uma programação versátil, esta emissora se destacou pelos estilos: jornalismo, humorismo, crítica, o radioteatro, as novelas, a música e o esporte, como *Doa a Quem Doer* com locução de Oto Henriques, com participações e interpretações humorísticas de Costa e

Filho e Rosil Cavalcante. Além de, *Martelo e o Prego*, produzido por Antônio Falcão e locução de Berta Barros e Joel Carlos; *Cinema em Foco e Instantâneo Esportivo*. (FREITAS, 2006)

Até os dias de hoje a Rádio Caturité <sup>14</sup> atinge todas as classes, propagando principalmente a cultura popular paraibana por meio de uma programação eclética de todos os gêneros e alcance de mais de cem cidades no estado da Paraíba, além de cidades do Pernambuco e Rio Grande do Norte.

---

<sup>14</sup> A emissora de rádio Caturité foi a última a mudar para FM, no ano de 2018 e ainda está localizada na Rua Presidente João Pessoa no centro da cidade.

#### 4. MÉTODOS E ARQUIVOS: “Memórias e histórias de outrora”

---

##### 4.1 Alicerce da construção de memória dos programas de auditório de Campina Grande

Para elaboração desta pesquisa, inicialmente foi necessária uma pesquisa de cunho qualitativo envolvendo uma revisão de literatura concernente à interpretação de relatos e análise de entrevistas, e textos abordando o campo da oralidade. Além de uma leitura aprofundada sobre a história do rádio nacional e regional, e ainda sobre a origem dos programas de auditório no Brasil. A partir deste estudo, foi possível identificar as emissoras de rádio de Campina Grande da década de 1940 à 1960, como também as estrelas e radialistas que vivenciaram essa época.

Diante disso, a metodologia adotada para a construção deste trabalho, foi a História Oral, já que ela se baseia em fontes históricas e documentais, testemunhos, depoimentos e narrativas. Como afirma Alberti (1996), o uso da História Oral possibilita o acesso a "histórias dentro da História", visto que as narrativas coletadas serão sempre visões ou versões subjetivas da realidade vivida, oferecendo a quem pesquisa o poder de interpretar, explicar e compreender a história, já que o estudo dá a oportunidade de aumentar e aprofundar as perspectivas sobre as pesquisas.

Assim, a oralidade é interdisciplinar, pois utiliza de meios para estimular a memória como lembranças, músicas, fontes iconográficas, documentos escritos, dentre outros. Utiliza-se de um planejamento de perguntas e meios para apanhar as informações, formas de estimular lembranças. Segundo Delgado (2007).

Essa metodologia recorre à memória como fonte principal que a subsidia e alimenta as narrativas que constituirão o documento final, a fonte histórica produzida. Portanto, a história oral é um procedimento, um meio, um caminho para produção do conhecimento histórico. Traz em si um duplo ensinamento: sobre a época enfocada pelo depoimento, o tempo passado, e sobre a época. (DELGADO, 2007, p. 99)

Portanto, a memória é a principal matéria ou o alicerce para a construção da história oral, pois é o elo entre passado e presente que nunca deixa de ser atual, conduzindo a reflexões e desdobramentos teóricos e metodológicos. Para Nora (1993) conforme citado por Delgado (2007, p. 199)

A memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discursos críticos. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica [...] (NORA apud DELGADO, 2007, p. 199)



Compreendendo que a memória seria o principal elo entre o presente e o os programas de auditórios do rádio campinense, o instrumento de coleta escolhido para obtenção de relatos, histórias e arquivos documentais da época, foi a entrevista semiestruturada, pois conforme Trivinos (1990):

A entrevista parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativa, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que recebem as respostas do informante (TRIVINOS, 1990, p.146).

Para construir essa memória oral dos programas de auditório de Campina Grande, foi necessário passear pelos relatos das três fontes principais de um programa de auditório: o radialista, os artistas e os ouvintes, e para maior compreensão em um contexto amplo do período pesquisado, também foram entrevistados pesquisadores da radiofonia campinense. Aqui as entrevistas foram feitas em dois momentos, o primeiro em abril de 2019, para a construção do artigo que originou este trabalho, para ele foram entrevistados um pesquisador da área: Antônio Clarindo Sousa; um radialista: Eraldo César; e duas artistas que brilharam nos palcos da Borborema: Inaudete Amorim <sup>15</sup>(*in memorian*) e Maria do Carmo Silveira, conhecida como Silvinha de Alencar. Já no segundo período, em abril de 2021, verificou-se a necessidade de relatos e aspectos que representassem o ouvinte-expectador dos programas de auditório, já que esse personagem tem uma importância significativa na origem e evolução desses programas. Com isso, foram entrevistados: Gilson Souto Maior, pesquisador e radialista que vivenciou essa época, Estelita Rodrigues Guedes ouvinte-caloura dos programas de auditório e Luís Custódio da Silva, ouvinte dos programas de auditório.

Em conformidade com Duarte (2005, p. 66), “a entrevista é conduzida, em grande medida, pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustadas ao roteiro do pesquisador [...] Por isso, é natural o pesquisador começar com um roteiro e terminar com outro [...]” Assim, o método propiciou algumas mudanças dos roteiros dentro do período de 2019 - 2021, de acordo com os relatos coletados no primeiro momento de entrevistas e resultando no aprimoramento das perguntas e na ampliação das fontes. Igualmente, também foi modificada a forma em que as entrevistas foram feitas já que no período de 2019, realizou-se pessoalmente e por telefone, já em 2021, devido a pandemia da covid-19, as entrevistas foram realizadas através do aplicativo WhatsApp e pela plataforma do Google Meet.

Sendo assim, ao todo foram entrevistadas sete pessoas que viveram ou estudaram sobre os programas de auditório em Campina Grande. Esse grupo foi dividido em três

---

<sup>15</sup> Inaudete Amorim era formada em Comunicação Social – UEPB e Diretora Comercial da TV Itararé, afiliada da TV Cultura da Fundação Padre Anchieta. A entrevista para este trabalho foi feita em 02 de abril de 2019 e em 14 de julho de 2020 foi seu falecimento.

categorias: radialistas/artistas, pesquisadores e ouvintes. O primeiro a ser entrevistado foi o radialista Eraldo César, em 17 março de 2019, de maneira presencial. A partir dessa conversa foi possível reconhecer alguns nomes que poderiam contribuir para a pesquisa, como Inaudete Amorim e Silvinha de Alencar que foram entrevistadas posteriormente, em 02 de abril de 2019 e 17 de abril de 2019, respectivamente, por meio de telefone. Além dessas, o pesquisador Antônio Clarindo de Souza foi entrevistado de forma presencial, 28 de março de 2019 e colaborou para a fundamentação e ambientação da história. Já no segundo momento para construção definitiva deste trabalho, Gilson Souto Maior que foi radialista e atualmente é estudioso da área, foi o primeiro a ser entrevista em 13 de abril de 2021, por aplicativo WhatsApp. Posteriormente foram feitas entrevistas com os ouvintes: Luís Custódio da Silva, através do Google Meet e Estelita Rodrigues Guedes, através de WhatsApp, em 19 de abril de 2021 e 20 de abril de 2021, respectivamente.

#### **4.2 Palcos e protagonistas dos programas de auditório do rádio campinense**

Indiscutivelmente, a era áurea do rádio em Campina Grande foi marcada pelos programas de auditório que eram produzidos e realizados com excelência pela Rádio Borborema. O pesquisador e radialista, Gilson Souto Maior, relembra que

A Rádio Caturité chegou a apresentar alguns programas de auditório, mas não progrediu muito nesse aspecto pois não era uma coisa muito dela, já que a Borborema na época de um grupo muito forte que estava marcando presença em todo Brasil, Diários dos Associados. A Caturité na época era uma emissora muito boa, possuía grandes valores, mas não tinha condição de competir com esse grupo. (MAIOR, ent. 2021)

A Borborema com uma programação diversificada e acessível atraía públicos de todas as idades, o historiador e pesquisador, Clarindo Sousa, ressaltou que os auditórios das emissoras de rádio campinenses, eram ambientes de diversão e socialização, devido a isso sempre estavam constantemente cheios.

Os programas representavam uma atração a mais, numa cidade que não possuía nenhum teatro, apenas locais como os clubes e os auditórios de colégio. Com a criação do auditório da rádio Borborema surge uma atração a mais e também um lugar de socialização e sociabilidade. Apesar de haver muitos cinemas no período dos anos de 40 à 50, mas o auditório tinha a questão de ser ao vivo, e todos se conheciam. (SOUZA, ent. 2019)

Deste modo, os programas de auditório não eram apenas programas de rádio, mas sim. um evento social da cidade, onde toda família campinense reunia-se para se divertir e socializar, participando por meio de promoções realizadas para prestigiar as apresentações, além dos concursos e brincadeiras. Maior destaca que:

A sociedade Campinense ia prestigiar os eventos artísticos com suas famílias para participar das apresentações de grandes nomes da música nacional e internacional. Além de também o público ir para prestigiar os próprios valores da terra como os programas de calouros. (MAIOR, ent. 2021)

Ainda segundo Clarindo Souza em entrevista para a construção deste trabalho, ao falar sobre a importância dos programas de auditórios para a sociedade campinense, ele salienta que:

As rádios ao fazerem os programas de auditórios, elas conseguiram reunir as várias atividades que eram feitas em outros lugares, no próprio auditório, por exemplo: Pequenas esquetes teatrais que eram feitas nos auditórios das escolas, foram para a rádio e tinha a grande vantagem que eram encenados ali e também transmitidos. Outras formas de entretenimentos eram a própria música e concursos de dança, e depois alguns programas eram feitos naquele sistema e que ficaram conhecidos na televisão com premiações (SOUZA, ent. 2019).

Levando em consideração a participação diária do rádio durante as décadas de 1940 e 1960 na vida da sociedade campinense e de cidades vizinhas, seja por meio da presença no estúdio ou na sala de casa, este era o principal meio de influência, que moldava o comportamento e até a educação da população, já que a programação além de diversificada, contava com um caráter educativo e formador.

Os programas de auditório influenciavam na vida das pessoas, na forma como passavam as notícias e como contavam as histórias, interferiam na ação dos órgãos públicos, instituições religiosas, colégios e cinemas. Como apresentadores e apresentações faziam com que muitas notas fossem divulgadas nos programas, então havia cobranças do tipo: que os cinemas se adequassem, que as pessoas fossem bem vestidas para o cinema, clube. Isso fazia com que a população ficasse bem informada e bem formada, porque realmente o rádio tinha uma penetração muito grande. (SOUZA ent. 2019)

O ouvinte Luís Custódio da Silva, recorda com entusiasmo, que Campina Grande era o centro comercial da zona rural e das cidades vizinhas, por isso, era comum que as pessoas do interior fossem até a Rainha da Borborema para realizar tarefas médicas e profissionais e precisassem pernoitar para no dia seguinte concluir todas as atividades necessárias. Com isso, as pessoas iam até a Rádio Borborema deixar uma nota para que fossem transmitidas durante o programa *Forró de Zé Lagoa* apresentado por *Rosil Cavalcante*, aos seus familiares.

Era um programa muito famoso da noite, tinha uma audiência muito voltada para o público rural, porque as pessoas saíam das áreas rurais e iam até a cidade resolver problemas, e era muito comum não essas pessoas não retornarem para casas rurais por conta do tempo, então elas mandavam recados através do programa de Rosil Cavalcante para seus familiares – “não foi possível retornar para casa por conta disso, estarei voltando amanhã de tal horas.” (SILVA, ent. 2021)

Ademais, os auditórios do rádio campinense serviram de formação profissional para seus apresentadores e produtores, tendo em vista que para cativar o público era necessário

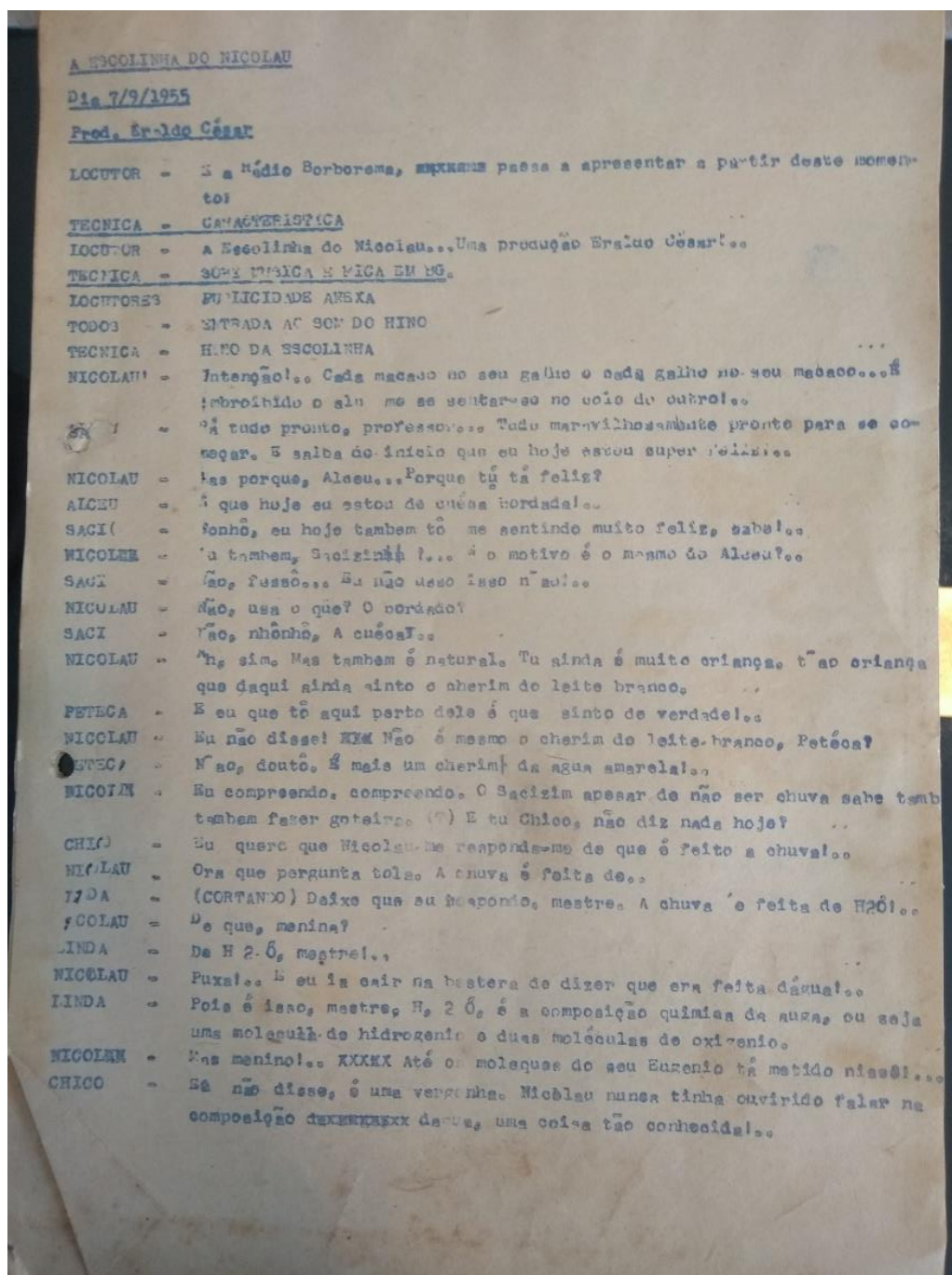
criatividade e muitas vezes a improvisação, por isso tudo era estudado e planejado para que no momento que fosse ao ar não ocorressem falhas.

Campina fez programas de rádio como o Forró de Zé Lagoa, o programa de Rosil Cavalcante, de Hilton Mota que marcaram época e ao serem transmitidos para o estado da Paraíba, demonstravam um grande potencial de produção, pois era tudo muito bem estudado e elaborado, por isso demonstravam um alto grau de criatividade e improvisação. (SOUZA, Ent. 2019).

Por conta da criatividade e da excelência em produção, os principais gêneros que se destacavam eram as radionovelas e os programas de auditório sobretudo os humorísticos e musicais, como por exemplo a *Escolinha do professor Nicolau* que era produzido por Fernando Silveira e Eraldo Cesar e continha uma hora de duração. A história cômica se passava numa sala de aula, por isso o palco era ornamentado com objetos escolares como carteiras, birô, cartazes educacionais e um quadro negro. Onde os personagens interpretados por Hilton Mota, Genésio de Sousa, Eraldo César, Aderson Costa, Rosil Cavalcanti, Dinaldo Barreto, Silvinha de Alencar, Edileuza Siqueira, Joel Carlos, Evandro Barros, dentre outros, induziam nos espectadores e nos ouvintes gargalhadas, através de piadas e improvisos.

Eraldo Cesar com seus 90 anos exibe muita lucidez ao mostrar orgulhosamente seus scripts da Escolinha do Professor Nicolau. Apesar das folhas amareladas e letras marcadas pela máquina de datilografia, apresentam em sua primeira linha o título do programa, seguido da data (07/09/1955), as linhas abaixo apresentam informações como a apresentação do locutor e a técnica sonora, posteriormente são descritos os diálogos dos personagens. O enredo se passa entre o personagem do Professor Nicolau e seus alunos: Alceu, Saci, Peteca, Chico, Linda, dentre outros, que possuíam peculiaridades caricatas da cidade, onde a conversa e as piadas se desenrolavam no meio das perguntas do professor e as respostas dos estudantes. Como a imagem abaixo apresenta:

Figura 1 - Primeira página do Script da Escola do Professor Nicolau de 1955.



Fonte: arquivo pessoal de Eraldo César

O programa produzido e apresentado por Eraldo Cesar e que é lembrado saudosamente pelos seus ouvintes, foi *O Clube do Papai Noel*. Ele se destacou perante o público infantil, ficando no ar durante uma década, acontecendo aos domingos do final do ano de 9hs às 12hs. Segundo Eraldo Cesar, o apresentador do programa, “O clube do Papai Noel tinha a proposta de educar divertindo, os pais deixavam a crianças antes do horário do

programa e só vinham pegar quando acabava”. No auditório, as crianças brincavam, tinham a oportunidade de demonstrar seus talentos e escutar histórias através dos radioatores, que se caracterizavam de piratas, fadas, princesas, príncipes, dentre outros personagens de contos infantis.

Luís Custódio, relembra com saudosismo que com seus 10 – 12 anos de idade vivenciou o programa, *O Clube do Papai Noel*, para ele o principal programa para a faixa etária infanto-juvenil, pois além das brincadeiras e atrações, ocorria num horário conveniente para que as crianças pudessem participar nos auditórios. Segundo Luís Custódio, *O Clube do Papai Noel*, contava com algumas atrações musicais nacionais que eram cedidas pelos programas noturnos e também participações de radioatores das novelas.

Estar presente no auditório era de muita emoção, porque víamos os cantores, os convidados. Muitas atrações nacionais e internacionais se apresentavam no programa, O Clube de Papai Noel, era muito estimulante para a gente que gostava do rádio, porque na verdade, na época havia muitas atrações pra cidade por conta do rádio, o rádio tinha uma importância enorme pela divulgação, programação, principalmente O clube do Papai Noel, quando a rádio trazia esses artistas para os programas noturnos, esses artistas eram cedidos e faziam apresentações para O Clube do Papai Noel e era um evento para cidade, porque o programa tinha um horário acessível e todo mundo participava, então comovia toda a cidade. (SILVA, ent. 2021)

Na imagem abaixo, é possível ver personagens da novela *Amor Cigano* durante uma edição do programa do Papai Noel.

Figura 2 - O Clube do Papai Noel recebe atores da novela Amor Cigano



Fonte: arquivo pessoal de Eraldo Cesar

Eraldo Cesar relata que os auditórios estavam sempre lotados, em uma de suas edições precisou realizar o programa duas vezes, pois o auditório não acomodava a multidão que estava pelas escadas e espaços externos.

Antônio Clarindo Souza durante entrevista recorda sobre o fenômeno que foi o programa.

Este programa reunia uma quantidade muito grande de pessoas, no auditório a ponto ficar pessoas de fora pelas escadas e pelo calçadão. A solução que a rádio Borborema teve, foi de colocar alto falantes para que as pessoas pudessem ouvir no lado de fora da rádio, acredito que esse foi o mais lembrado daquela época. (SOUZA, ent. 2019)

Na Foto 3, é possível notar a superlotação do auditório com mais de uma criança sentadas em uma poltrona, além de pessoas em pé no fundo e nas laterais do local, enquanto ocorria o programa.

Figura 3 - auditório da Rádio Borborema lotado



Fonte: arquivo pessoal de Eraldo César

Assim como a lembrança afetuosa do ouvinte Luís Custódio, a recordação do programa ainda continua viva na memória de muita gente que viveu a época enquanto criança. Eraldo relata que muitas pessoas nos dias atuais o param no supermercado, nas padarias, para falar com ele e dizer que sente saudades do programa no qual grandes nomes do rádio campinense deram seus primeiros passos, como Evilásio Junqueira e Inaudete Amorim (*in memorian*).

Inaudete Amorim (*in memorian*) relatou:

Particpei, ainda criança, do programa Clube do Papai Noel da Rádio Borborema. Um programa de auditório de muito sucesso e que lançou muitos talentos infantis. O programa era apresentado por Eraldo Cesar. O Clube do Papai Noel ficou no ar muitos anos e teve também Wilson Maux, de saudosa memória, como apresentador. (AMORIM, ent. 2019)

Inaudete Amorim, viveu a época dos auditórios quando ainda era criança, também iniciou seus primeiros passos no rádio nos auditórios da Rádio Borborema, nos programas *Os Mirins* e *O Clube do Papai Noel*. Ela ainda participou como radioatriz na Rádio Caturité na

novela *As Aventuras do Flama*, juntamente com Gilson Souto Maior e outros nomes do rádio na época, tinha a autoria e direção de Deodato Borges.

Mas não foi apenas *O Clube do Papai Noel* que revelou nomes de artistas regionais, logo após ele, era apresentado o programa de calouro *Domingo Alegre* com apresentação de Leonel Medeiros, que acontecia todo domingo às 11h. Estelita Rodrigues Guedes relembra alegremente que

Domingo Alegre era bem parecido com o Programa do Ratinho que tem na TV, eu sempre participava de tudo cantando, dançando, nas brincadeiras, junto com Genival Lacerda, Marinês. Eu sempre dava um jeito de participar dos programas, havia uma dança bem engraçada que era dançando e baixando, duas pessoas segurando uma corda e a gente dançando, ainda cheguei a ganhar uma vez, essa brincadeira. A plateia sempre estava cheia e nos aplaudiam muito, sempre era divertido brincar nos programas da Borborema. (GUEDES, ent. 2021)

Além do *Domingo Alegre*, Gilson Souto Maior ainda recorda que o público ia para prestigiar os próprios valores da terra por meio dos programas de calouros. “Assim como nos demais auditórios do Brasil, eram criadas verdadeiras torcidas para incentivar o seu candidato seu cantor a fazer bonito no palco, como por exemplo o programa *Carlos Renner* patrocinado pela empresa de roupas Renner”.

A pessoense Maria do Carmo Silveira, mais conhecida por Silvinha de Alencar foi outra voz feminina que se revelou no rádio. Iniciou seu trabalho como cantora, radioatriz, locutora na rádio Tabajara na capital paraibana, posteriormente quando se mudou para Campina Grande iniciou na rádio de Borborema, no programa produzido por Fernando Silveira, *Festa na roça*, no qual havia músicas, piadas, que gerava interação com a plateia. Além dos auditórios, Silvinha estrelava o programa musical intitulado *Estrela do meio-dia*, que durava meia hora no domingo, era gravada apenas ela no palco, neste programa ela mesmo apresentava e cantava acompanhada por Jaime Seixas, no piano.

Dessa maneira, a Borborema foi trampolim para nomes importantes do cenário musical nacional, como Jackson do Pandeiro, Marinês, Genival Lacerda, Barros de Alencar, Zito Borborema, dentre outras estrelas paraibanas, que conseguiram grande visibilidade especificamente no programa *Forró de Zé Lagoa*, apresentado por Rosil Cavalcanti, ou melhor, pelo seu personagem *Capitão Lagoa*, apresentado uma vez por semana no auditório da Borborema, com o principal objetivo de promover nomes da música nordestina. O espetáculo, além de apresentar a “prata da casa”, também recebia artistas nacionais e internacionais, fazendo o público campinense frequentar o auditório do Edifício São Luís e se reunir também nas salas das casas, onde toda a família e vizinhos paravam ao redor do aparelho de rádio para escutar o *Forró de Zé Lagoa*.



Muitas vezes, as famílias se reuniam umas oito horas da noite nas casa dos vizinhos para acompanhar primeiramente a novela e depois o programa Forró de Zé Lagoa, isso gerava uma audiência imensa, era até considerado programa de utilidade pública. . (SILVA, ent. 2021)

Na foto 4 mostra Rosil Cavalcante fantasiado de Capitão Zé Lagoa, para apresentar o Programa *Forró de Zé Lagoa*. Já nas fotos 5 e 6, estão presentes Marinês e Luiz Gonzaga em apresentação do auditório e Genival Lacerda e Jackson do Pandeiro, respectivamente.

Figura 4 - Rosil Cavalcante interpretando Capitão Lagoa



Fonte: arquivo pessoal de Gilson Souto Maior

Figura 5 - Luiz Gonzaga e Marinês se apresentam no auditório da Rádio Borborema



Fonte: arquivo pessoal de Gilson Souto Maior

Figura 6 - Genival Lacerda e Jackson do Pandeiro nos estúdios da Rádio Borborema



Fonte: arquivo pessoal de Gilson Souto Maior

Além do *Forró de Zé Lagoa*, Rosil Cavalcante apresentou também *Retalhos do Sertão*, que ia ao ar todos os dias às 8 horas da manhã no auditório da Borborema, neste programa Rosil apresentava violeiros e poetas populares para se apresentarem, como José Gonçalves, os irmãos Batista, Ivanildo Vilanova, dentre outros. Aliás, vale salientar que Rosil Cavalcante também participava de outras produções da emissora como humorista, ao lado de Dinaldo, Deodato Borges, Fernando Silveira e Eraldo Cesar, nomes importantes que marcaram a programação da Rádio Borborema, como produtores, roteiristas, apresentadores, atores e jornalistas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Perante o trabalho apresentado, percebeu-se que o rádio foi o principal meio de influência na sociedade, durante as décadas de 1930, 1940, 1950 e 1960, através da produção de programas diversificados dos gêneros de entretenimento e jornalismo, em especial com os programas de auditório que reuniram os brasileiros dentro dos estúdios das emissoras e em casa ao redor do aparelho radiofônico. Campina Grande assim como os principais centros comerciais do país, também seguiu a moda do rádio e ganhou destaque nacional pela programação de qualidade e credibilidade que a Rádio Borborema produziu durante esse período.

Assim, para obtenção dos resultados aqui retratados, utilizou-se da história oral para a construção desta monografia. Através dessa metodologia pude coletar relatos e testemunhos, conhecer um pouco dos programas de auditório produzidos em Campina Grande, além da sua importância para o rádio campinense e para a sociedade, por meio da evolução do meio radiofônico regional. Já que foi a partir desses programas de auditório, que surgiram grandes nomes artísticos e radialistas, durante as histórias e conversas sobre o tema, percebi que tais nomes são lembrados afetuosamente pela população até os dias de hoje, além de ter sido uma escola profissional para eles.

Com isso, este trabalho conseguiu atingir seu objetivo principal de recuperar parte da memória dos programas de auditório de Campina Grande, realizando uma verdadeira costura entre os relatos dos entrevistados e formulando a história dos programas de auditório campinense dentro da história da radiofonia regional e da modernização da cidade de Campina Grande. Além de conhecer os programas produzidos na *Era do Ouro* do rádio, houve a necessidade de ambientar esses relatos e entender o contexto aos quais faziam parte, apontando assim, a importância sociocultural dessas produções para o desenvolvimento do município.

Sendo assim, com esse contexto, a cidade de Campina Grande se tornou a tela de fundo em branco, na qual, os relatos se ambientaram e construíram a memória dos programas de auditório dentro da história da radiofonia campinense, enfatizando a importância destes programas para a sociedade regional, já que os espetáculos principalmente da Rádio Borborema, transpassavam as ondas hertzianas e efervescia a cidade, principalmente durante as décadas de 1940 a 1960.

Através das falas dos entrevistados, foi possível expor programas que marcaram época e ainda permanecem afetuosamente no imaginário daqueles que viveram, como O Clube do Papai Noel, O Forró de Zé Lagoa, A Escolinha do Professor Nicolau, dentre outros mencionados durante a pesquisa, além de assinalar como eram produzidos e as pessoas que fizeram parte desses espetáculos. O trabalho ainda conseguiu ilustrar, por meio de fotografias, registros imagéticos da época áurea do rádio em Campina Grande.

Além disso, observei que a história dos programas de auditório em Campina Grande se entrelaça com a história de modernização da cidade, com as mudanças e costumes de uma época, já que por meio desses espaços as pessoas se reuniam para se informar e se divertir com as atrações musicais, os concursos de danças, periódicos humorísticos, sorteios e promoções que ocorriam nas emissoras, em destaque a Rádio Borborema pertencente ao grupo Diários Associados, já foi inaugurada com grande força na programação e qualidade, que fez outras emissoras não se evidenciarem em todos os âmbitos.

Deve-se maior destaque da pesquisa, aos programas de auditórios da Rádio Borborema: A Escolinha do Professor Nicolau, O Clube do Papai Noel, Forró de Zé Lagoa, Domingo Alegre, Retalhos do Sertão e a Estrela do Meio-Dia, nos quais é perceptível a originalidade, posto que durante essa fase, o rádio tinha sua produção própria por diretores e produtores da casa. Foram por meio desses programas, que houve uma maior valorização e propagação da cultura local, que era ressaltada pelas apresentações musicais dos artistas regionais, assim como a produção dos roteiros se voltavam para o cotidiano das pessoas. Esta forma de produção, ofereceu aos radialistas uma qualificação profissional, visto que para produção desses programas eram necessários, estudos e planejamentos para que nada ocorresse de errado, além do “jogo de cintura” para improvisar, quando algum imprevisto acontecesse.

Uma das fortes características do rádio é a proximidade com o ouvinte, aspecto esse que é notado na criação dos auditórios quando o ouvinte passa a visitar esse espaço e é fortalecida durante a execução dos programas, devido a interação entre apresentador e plateia, que deixou de ser ouvinte e ter papel primordial como ouvinte/expectador. O público participava diretamente da programação, através de concursos, sorteios, brincadeiras, além de notas informativas vinculadas durante o programa sobre pessoas que frequentavam ou escutavam assiduamente.

Os relatos aqui constatados, são parte de uma história que marcou gerações e influencia até hoje na maneira de fazer entretenimento, uma vez que a forma de fazer programas de auditórios, apesar de migrados para televisão, ainda continua a mesma. Ainda

dentro desse debate é possível levantar estudos sobre a ascensão das classes marginalizadas por meio dos programas de auditório. Com relação, à pesquisa em contexto local ainda é preciso escavar ainda mais a *Era do ouro* do rádio campinense, pois as emissoras locais obtiveram destaque também pela qualidade de produção de radionovelas, com *scripts* de autores nacionais, mas principalmente pelos roteiros próprios de autores locais que ainda sobrevive majoritariamente apenas no imaginário dos radialistas mais velhos e dos ouvintes. Este é apenas um trabalho de propagação e registro da memória do rádio campinense ao longo do tempo.

Portanto, pode-se considerar a partir deste trabalho que os programas de auditório em Campina Grande tiveram um papel fundamental para o desenvolvimento do rádio, desde a forma de produzir até sua proximidade com o público. Bem como, contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento sociocultural da população, visto que os programas “ditavam” os costumes e ofereciam informativos e notas educacionais, sendo assim um espaço de entretenimento e socialização entre a comunidade campinense.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Ronaldo Conde. **Almanaque da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007. 184 p. Disponível em: <https://docplayer.com.br/49694032-Almanaque-da-radio-nacional.html>. Acesso em: 04 jan. 2020.
- AMORIM, Inaudete. **Inaudete Amorim**: Depoimento. [abril 2019]. Entrevistador: Ana Geisa Barbosa Viana. Campina Grande: UEPB, 2019. Entrevista concedida ao artigo O Rádio campinense: Palcos e protagonistas dos programas de Auditório.
- CASÉ, Rafael. **Programa Casé – O rádio começou aqui**. Mauad: Rio de Janeiro, 1995.
- CALABRE, Lia. **A Era do Rádio – Memória e História**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH, 2003. CD-ROM. Disponível em: <<https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/24-snh22?start=380>>. Acesso em: 04 jan. 2021
- CESAR, Eraldo. **Eraldo Cesar**: Depoimento [março 2019]. Entrevistador: Ana Geisa Barbosa Viana. Campina Grande: UEPB, 2019. Entrevista concedida ao artigo O Rádio campinense: Palcos e protagonistas dos programas de Auditório.
- COSTA, Luciana Miranda; SOUZA, Laura Santos de; NASCIMENTO, Joice Dias do. **Enquanto o rádio digital não vem: a rádio feliz fm e a conquista do espaço virtual**. In: ENCONTRO NORDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 04., 2016, Maceió. Anais [...] . Maceió: Alcar, 2016. p. 01-13. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/nordeste/4o-encontro-2016/gt-5-historia-da-midia-sonora>. Acesso em: 04 jan. 2021.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral - Memória, tempo, identidades**. São Paulo: Autentica, 2007. 136 p. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=7pwqDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=MEM%C3%93RIA+ORAL+ARTIGOS&ots=FWL0sFEzr0&sig=\\_Ar3GzufmPC9hqjFoQ\\_mbyiBmsY#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=7pwqDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=MEM%C3%93RIA+ORAL+ARTIGOS&ots=FWL0sFEzr0&sig=_Ar3GzufmPC9hqjFoQ_mbyiBmsY#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 23 abr. 2021.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 62-82.
- FREITAS, Goretti Maria Sampaio. A Trajetória Histórica da Radiofonia Campinense: do alto-falante ao fm. In: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de; OLIVEIRA, Flavianny Guimarães de; FREITAS, Goretti Maria Sampaio de. **História da Mídia Regional: o rádio em campina grande**. Campina Grande: Edufcg, 2006. Cap. 3. p. 125-174.
- FERREIRA, Renata Claudia Martins. **Sucesso no rádio e na televisão, o programa de auditório não morre**: uma análise do programa carlos santos na tv. 2011. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Linguagens e Cultura,, Universidade da Amazônia, Belém, 2011. Disponível em: <http://www6.unama.br/ppgclc/attachments/article/56/Sucesso%20no%20R%C3%A1dio%20e>

%20na%20TV,%20sobreviv%C3%A2ncia%20na%20era%20digital,%20o%20Programa%20de%20Audit%C3%B3rio%20n%C3%A3o%20morre;%20uma%20an%C3%A1lise%20do%20Programa%20Carlos%20Santos%20na%20TV.PDF. Acesso em: 04 jan. 2021.

MAGNANI, José. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

MENEGUEL, Yvonete Pedra; OLIVEIRA, Oseias de. **O rádio no Brasil: do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava**. 2009. Disponível em: [http://s.busca.pr.gov.br/search?q=cache:jxftp6RA4ql8J:www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portal/s/pde/arquivos/713-4.pdf+O+r%C3%A1dio+no+Brasil:++DO+SURGIMENTO+%C3%80+D%C3%89+CADA+DE+1940+E+A+PRIMEIRA+EMISSORA+DE+R%C3%81+DIO+EM+GUARAPUAVA&client=educacao\\_frontend&output=xml\\_no\\_dtd&proxystylesheet=educacao\\_frontend&ie=UTF-8&site=educacao\\_collection&access=p&oe=UTF-8](http://s.busca.pr.gov.br/search?q=cache:jxftp6RA4ql8J:www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portal/s/pde/arquivos/713-4.pdf+O+r%C3%A1dio+no+Brasil:++DO+SURGIMENTO+%C3%80+D%C3%89+CADA+DE+1940+E+A+PRIMEIRA+EMISSORA+DE+R%C3%81+DIO+EM+GUARAPUAVA&client=educacao_frontend&output=xml_no_dtd&proxystylesheet=educacao_frontend&ie=UTF-8&site=educacao_collection&access=p&oe=UTF-8). Acesso em: 12 abr. 2021.

MIRA, Maria Celeste. **Circo Eletrônico Silvio Santos e o SBT**. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. Projeto História. (10). São Paulo: EDUC, 1993. NORA, Pierre. *Lês Lieux De Memorie, I la Pepublique*. Paris: Gallimard, 1994. In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral - Memória, tempo, identidades**. São Paulo: Autentica, 2007. 136 p. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=7pwqDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=MEM%C3%93RIA+ORAL+ARTIGOS&ots=FWL0sFEzr0&sig=\\_Ar3GzufmPC9hqiFoQ\\_mbyiBmsY#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=7pwqDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=MEM%C3%93RIA+ORAL+ARTIGOS&ots=FWL0sFEzr0&sig=_Ar3GzufmPC9hqiFoQ_mbyiBmsY#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 25 abr. 2019.

PESSOA, Sonia Caldas; VIANNA, Graziela Mello. Programas de auditório no rádio: um percurso histórico do dispositivo à vivência contemporânea de escuta. In: ENCONTRO NACIONAL DA HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013, Ouro Preto. Anais... . Ouro Preto: Ufop, 2013. p. 01 - 15.

GUEDES, Estelita Rodrigues. **Estelita Rodrigues Guedes: Depoimento** [abril 2021]. Entrevistador: Ana Geisa Barbosa Viana. Campina Grande: UEPB, 2021. Entrevista concedida ao Trabalho de Conclusão de curso

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira – da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

-SAROLDI, Luiz Carlos; MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio Nacional: O Brasil em Sintonia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

SILVA, Luiz Custódio. **Luiz Custódio: Depoimento** [abril 2021]. Entrevistador: Ana Geisa Barbosa Viana. Campina Grande: UEPB, 2021. Entrevista concedida ao Trabalho de Conclusão de curso

SILVA, Márcio Corino Lantelme da. **Programas de Auditório e o apelo à fantasia: cultura de massa e o grotesco na comunicação**. 2005. 50 f. TCC (Graduação) - Curso de Apresentada

À Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005. Disponível em:  
<https://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/MCorino1.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2021.

SILVA, Paulo Ricardo Muniz; VALE JÚNIOR, João Batista. Ondas Invisíveis que atravessam o tempo: História e Historiografia do Rádio no Brasil. In: ENCONTRO NORDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2., 2012, Teresina. **GT5-Paulo Ricardo Muniz Silva e Joao Batista Vale Junior**. Teresina: Ufpi, 2012. p. 01-18.

SILVEIRA, Maria do Carmo. **Silvinha de Alencar**: Depoimento [março 2019]. Entrevistador: Ana Geisa Barbosa Viana. Campina Grande: UEPB, 2019. Entrevista concedida ao artigo O Rádio campinense: Palcos e protagonistas dos programas de Auditório.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa. **História da mídia regional: o rádio em Campina Grande**/ Antônio Clarindo Barbosa Souza, Flavianny Guimarães, Goretti Maria Sampaio de Freitas. – EDUFCEG/EDUEPB; Campina Grande 2006.

SOUZA, Antônio Clarindo. **Antônio Clarindo Souza**: Depoimento [março 2019]. Entrevistador: Ana Geisa Barbosa Viana. Campina Grande: UEPB, 2019. Entrevista concedida ao artigo O Rádio campinense: Palcos e protagonistas dos programas de Auditório.

SOUZA, Sílvia Maria. **Sílvio Santos vem aí: programas de auditório do SBT numa perspectiva semiótica**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009. Tese de Doutorado. Disponível em <[http://www.bdttd.ndc.uff.br/tde\\_arquivos/23/TDE-2009-05-22T145419Z-1981/Publico/Silvia%20Sousa-Tese.pdf](http://www.bdttd.ndc.uff.br/tde_arquivos/23/TDE-2009-05-22T145419Z-1981/Publico/Silvia%20Sousa-Tese.pdf)>. Acesso em 15 mar 2021.

MAIOR, Gilson Souto. Rádio: História e Rádiojornalismo. João Pessoa: A União, 2015. 245 p.

MAIOR, Gilson Souto. **Gilson Souto Maior**: Depoimento [abril 2021]. Entrevistador: Ana Geisa Barbosa Viana. Campina Grande: UEPB, 2021. Entrevista concedida ao Trabalho de Conclusão de curso

TINHORÃO, José Ramos. **Música popular: do gramofone ao rádio e TV**, São Paulo: Ática, 1981.

VIANA, Ana Geisa Barbosa; FREITAS, Goretti Maria Sampaio de. O Rádio campinense: Palcos e protagonistas dos programas de Auditório. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA., 12., 2019, Natal. **GT História da Mídia Sonora\_Ana Geisa Barbosa Viana**. Natal: Alcar, 2019. p. 01-11. Disponível em:  
<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/12o-encontro-2019/gt-historia-da-midia-sonora/o-radio-campinense-palcos-e-protagonistas-dos-programas-de-auditorio/view>. Acesso em: 28 jan. 2021.

VIANNA, Graziela Mello; SANTOS, Elias (org.). “Você verá por mim”: no ar, a radionovela e os programas de auditório no dial em Minas. In: DÂNGELO, Newton; SOUSA, Sandra Sueli Garcia de. **90 anos de rádio no Brasil**. 937. ed. Uberlândia/mg: Edufu, 2016. p. 01-211. Disponível em: [http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/e-book\\_90\\_anos\\_de\\_radio\\_2016\\_0.pdf](http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/e-book_90_anos_de_radio_2016_0.pdf). Acesso em: 12 jan. 2021.



## **APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS PESQUISADORES DA RADIOFONIA CAMPINENSE**

### **1. EIXO 1 - PROGRAMAS DE AUDITÓRIO CAMPINENSE**

1. Como eram produzidos os programas de auditório?
2. Qual era o público que participava dos programas?
3. Tem algum acontecimento que marcou os programas na época de ouro do rádio?
4. Quais programas mais se destacaram?

### **2. EIXO 2 - IMPORTÂNCIA DOS PROGRAMAS DE AUDITÓRIO PARA A CIDADE DE CAMPINA GRANDE**

- a. Qual a relevância desses programas para o rádio campinense durante esse período áureo do rádio?
- b. Como os programas influenciavam a vida das pessoas?
  - i. Como eles moldavam os costumes da época?
  - ii. Como eles estavam presentes na vida de quem apenas escutava de casa?
- c. O que eles representavam para sociedade campinense?
- d. O que os programas de auditório representavam para o meio artístico?

### **3. EIXO 3 - OPINIÃO PESSOAL**

- a. Como esses programas influenciaram na produção radiofônica atual?
- b. Como esses programas influenciaram na produção artística e no legado de grandes cantores como Jackson do Pandeiro, Marinês, dentre outros?

## **APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS RADIALISTAS DOS PROGRAMAS DE AUDITÓRIO CAMPINENSES**

### **1. EIXO 1 - EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NO RÁDIO**

1. Como iniciou a carreira no rádio?
2. Sempre trabalhou com os meios de comunicação paraibanos?
3. Em quais emissoras de rádios você trabalhou até a década de 70?
4. Quais as funções você realizou na radiofonia campinense?

### **2. EIXO 2 - MEMÓRIA SOBRE A PRODUÇÃO DOS PROGRAMAS DE AUDITÓRIOS**

- a. Quais funções você realizou na produção dos programas de auditórios?
- b. Em quais os programas que você trabalhou?
- c. Como era a dinâmica de produção?
- d. Além de você, quem mais fazia parte desses programas?
- e. Tinha interação direta com a plateia?
  - i. Como isso era organizado?
  - ii. Quantas pessoas o auditório comportava?
    - f. Quais artistas passaram pelo palco do auditório em sua época?
- . Como era feito o contato para os artistas se apresentarem?
  - g. Como era feita a decoração para a apresentação dos programas?

### **3. EIXO 2 - OPINIÃO PESSOAL**

- a. O que sente mais falta daquela época?
- b. Na sua opinião, a forma de produzir rádio teve influência desses programas?

**APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS  
OUVINTES/ESPECTADORES DOS PROGRAMAS DE AUDITÓRIO  
CAMPINENSES**

**1. EIXO 1 - EXPERIÊNCIA PESSOAL COM OS PROGRAMAS:**

1. Quais programas vocês presenciaram?
2. Você participou apenas de programas no auditório da Borborema ou nas outras rádios, também?
3. Como você e a plateia em geral costumavam participar?
4. Você chegou a participar de algum programa: como calouro, de sorteios ou outra forma de participação?
5. Quais programas você ouvia de casa?
  1. Qual era a sensação?

**2. EIXO 2 - MEMÓRIA DO AUDITÓRIO FÍSICO E DA PRODUÇÃO DOS PROGRAMAS**

- a. Você se recorda como era organizado o auditório?
  - i. Como eram separadas as cadeiras?
- b. Como era ornamentado o palco?  
.Havia ornamentações diferentes para cada programa?
- c. Como era a postura do apresentador para com a platéia?  
.Como funcionava essa interação?
- d. Havia uma produção que organizava as participações e essas interações?

**3. EIXO 3 - OPINIÃO PESSOAL**

- a. Na sua opinião, quem eram os grandes nomes campinenses do Rádio?
  - i. Radialistas/artistas
- b. Você acredita que esse tipo de programa ajudou para a construção dos nossos programas de hoje?
- c. Tem alguma semelhança entre o rádio atual e o de antigamente?